

A black and white photograph of a woman with dark hair, wearing a leopard print top with a decorative border at the hem. She is looking to the right. The background is a plain, light-colored wall.

Evan do Carmo

COFel

&

O Mel

O Mel

Editora

Fakos



O fel e o mel

Evan do Carmo

61-8413-0422

evandocarmo@hotmail.com

www.evandocarmo.com.br



Prefácio do autor...

Este livro, que agora ponho em vossa mão, caro leitor, **O fel o Mel**, pelo o título nada tem de singular. Todavia, algo direi sobre sua gestação. Nasceu de parto natural, partindo do pré-suposto de que a vida e a morte também os são. Há, portanto, quem dirá se tratar mais de um tratado de filosofia em forma de versos e reversos, às vezes sem rima nem maestria. Ser poeta, para muitos é um dom divino. Não acreditando, nem em dom e muito menos em dom divino para se produzir algo independente e profano como é a poesia, digo que ser poeta não tem nada de sagrado nem de celeste provisão. Escolhi poeta ser e viver nos labirintos das contradições e não encorajo ninguém a se envolver e desenvolver tão árduo ofício. **Poemas são enigmas indecifráveis de almas doentes.**

Do título.

Não há vida que permaneça estática, tudo precisa ser movimentado para permanecer. Dizem os antigos sábios, que aquilo que não se transforma desaparece na corrente do tempo. É, portanto, necessário, o doce e o sal, **O fel e o Mel**, como versos tristes e versos alegres. Há dias em que quero levar um chute nos órgãos genitais para compreender o valor das relações humanas, em outro, um tapa na face para compreender o poder de um afago, de um carinho gratuito, desinteressado. Dos enigmas, aqui presentes, vos dedico como um bom presente. Espero verazmente que algum possa ser por ti decifrado, compreendido, partilhado. Sem dúvida, te servirá algum dos meus disfarces, como um elixir da eterna satisfação, te será servido uma pequena porção, a menos que não sofras do mesmo mal, da mesma peste emocional, que é para mim o pior mal do homem culto, a solidão intelectual.

Café Cassis 05\11\2007

Oh! Bendita fealdade que me visita em horas improváveis, o que seria de mim se não fosse a tua voraz gratidão? Como sobrevivem os espíritos constantes, os seres de humor invariável? Quem suportaria a minha perene alegria ou minha eterna melancolia?

*Quem melhor que eu para definir solidão?
A solidão é meu guia constante,
Quanto maior for o alvoroço,
E o alarido das multidões
Mais bem acomodado fico
No meu submundo-subterrâneo.
Sinto um regozijo sobre-humano,
Quando não consigo decifrar
Nenhum ruído animalesco.*

<i>Onde mora o poema</i>	10
<i>Aos amantes da arte</i>	11
<i>Pescadores.</i>	12
<i>Escuta a ninguém</i>	13
<i>Humano</i>	14
<i>Ao Amor</i>	15
<i>A virtude do sofrer</i>	16
<i>As dores da rima</i>	17
<i>Sobre um poeta morto</i>	19
<i>Apenado</i>	20
<i>Por dias melhores</i>	21
<i>Ter uma obra!</i>	22
<i>Jorge, um nobre</i>	23
<i>Poeta como o vento</i>	24
<i>Saudade</i>	26
<i>Um mal natural</i>	27
<i>Viver.</i>	29
<i>Ao meu filho</i>	31
<i>Poema nihilista</i>	32
<i>Trilha</i>	34
<i>Panacéia</i>	35
<i>O maior poeta vivo</i>	36
<i>Só os deuses morrem!</i>	37
<i>Não canto mais</i>	38
<i>Ausência</i>	39
<i>Grite à vida</i>	40
<i>A ti minha desilusão</i>	41
<i>Vida, equação natural</i>	42
<i>Não ter para não perder</i>	43
<i>Por que traem os seres humanos?</i>	44
<i>Sou um destino</i>	45
<i>Sobre Fernando Pessoa</i>	47
<i>Meu verso do q?</i>	48
<i>Ódio e amor, juntos!</i>	49
<i>"Arre, devo viver".</i>	50
<i>"Conjecturas" Nihilismo</i>	51
<i>Ao "amor" que não conheci</i>	52
<i>Busco a impopularidade</i>	53
<i>Inventores</i>	54
<i>O ateu</i>	55
<i>Ofício do discurso</i>	56
<i>Como ser maior que outro?</i>	57
<i>Sobre mim</i>	58
<i>Teu corpo.</i>	59
<i>O vento.</i>	60
<i>Ofuscado</i>	61
<i>Hiperbóreo</i>	62
<i>Amor-difícil</i>	63
<i>Meu pecado</i>	64
<i>Acróstico</i>	65
<i>Ter você</i>	66
<i>Uma análise franca do meu</i> <i>ego poético</i>	67
<i>A força de um sorriso</i>	68
<i>A madureza</i>	69
<i>Látego</i>	70

<i>Delírio</i>	71
<i>Hipertensão</i>	72
<i>Um homem vergel</i>	73
<i>Espírito de poeta</i>	74
<i>Mel</i>	75
<i>Meu hábito</i>	76
<i>Arcano!</i>	77
<i>Uma “torta” visão</i>	78
<i>Nietzsche</i>	79
<i>Inflamável</i>	80
<i>Uma análise franca do meu ego poético</i>	81
<i>A musa singular</i>	82
<i>A busca</i>	83
<i>Porto</i>	84
<i>Alma de poeta</i>	85
<i>Vergel 02</i>	86
<i>Sou feliz</i>	87
<i>Hoje</i>	88
<i>Quero silêncio</i>	89
<i>Para você leitor</i>	90
<i>Beatriz</i>	91
<i>Ao verdadeiro Deus</i>	92
<i>Poemas</i>	93
<i>Dorme poeta</i>	94
<i>Queria saber poemas</i>	95
<i>Um tolo a falar...</i>	96
<i>A salvação</i>	97
<i>Prossigo...</i>	98
<i>Iranete Acróstico</i>	100
<i>Vício de ler</i>	101
<i>Beber à vida</i>	102
<i>O tempo</i>	103
<i>O estudo</i>	104
<i>A mó do tempo</i>	105
<i>Escrever</i>	106
<i>A melancolia dos poetas</i>	107
<i>Paralítico</i>	108
<i>De volta à vida</i>	109
<i>A metafísica</i>	110
<i>Uma dor</i>	111
<i>A parte que me faltou.</i>	112
<i>Abelhinha</i>	113
<i>Alvedrio ao suicídio</i>	114
<i>Café</i>	115
<i>Arcano!</i>	116
<i>Minha vida em tuas mãos</i>	117
<i>Teu peito é o alvo</i>	118
<i>Rally</i>	119
<i>O fel e o mel</i>	120
<i>Para ver e ouvir sem disfarce emocional</i>	121
<i>Nem tudo é amor e dinheiro</i>	123
<i>Alma constante</i>	124
<i>Tua face</i>	125
<i>Como poeta</i>	126
<i>Trair-te</i>	127
<i>Só!</i>	128
<i>Chrónos</i>	129

Ao Walter	130
Fonte	131
A natureza	132
Aos teus olhos	133
Miséria, bendita miséria	134
Mulheres	135
Psicologia do humano	136
Musa espiritual	137
A visão do mar	138
Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento	139
Dores de parto (culpada)	141
Amizade	142
Crepúsculo	143
O João-de-barro	144
Crivo	146
O ciúme	147
Esperança	148
Morte	149
A virtude do sofrer	150
Amizade estelar	151
Efêmera fonte	152
Pueril engano	153
Aflição ingente	154
Extasiar	155
Assim eu vivo	156
Um alento para os miseráveis	157
Dialogo incompleto	158
Um homem vergel	159
Minha postura à metafísica	160
Meu humor	161
Uma boa morte	163
Nada sei que um tolo não saiba	165
O que revelam os olhos	166
Mulher	167
Quero o caos	168
Não há amor à primeira vista	169
Sorriso, espelho da alma	170
Ciúmes	171
Dorme minha amada	172
Estou prenhe	173
Amor Recíproco	174
O brilho do sol	175
Alma pequena	176
Da lealdade	177
Dos seres humanos	178
Dos grandes homens	179
Sou a sombra do medo	180
Tudo tem um fim... (uma metáfora)	181
Caminho do vento	182
Ensaio sobre o amor	183
Poetas são da mesma sorte que os demais	185
Uma estrela caiu	186
Ao ser que pensa como eu	187
Fugir do anonimato	189
Sou fogo	190
Natimorto	191
É tarde	192

ÍNDICE

<i>Um silvo no escuro</i>	193
<i>Sobre o direito ao direito</i>	194
<i>Vivo no verão</i>	195
<i>Alma plástica tem o poeta</i>	196
<i>O tempo</i>	198
<i>Alma em pânico</i>	200
<i>Busco minha alma</i>	201
<i>A safra do amor</i>	202
<i>Fazer bem</i>	203
<i>O autoditada</i>	205
<i>Quero o futuro!</i>	206
<i>Meu caminho é igual</i>	207
<i>Para Quintana</i>	209

Onde mora o poema

Poema se faz com sangue
Eu faço com devoção
Com sangue escrevo
Nas linhas
Com tinta no coração.
Poema é alma antiga
Perdida na confusão
Só vem à tona uma vez
Em noite de solidão,
Se és feliz sem caneta
Só te falta a inspiração.
Poema vive nas trevas
Na recôndita aflição,
Sobre a sombra de uma musa
Que abusa da sedução,
Distribuindo a beleza
Que roubou da perfeição,
Como ninfa de Apolo
Como Dante em seu quinhão
Só um poeta maduro
Sentirá a vibração.

Aos amantes da arte

*Poetas, homens da arte em geral,
Foram e sempre serão como uma ponte
Entre o imaginário antigo e o real presente.
Como bons feiticeiros trazem
Às almas insatisfeitas como que uma porção mágica,
Que causa um breve delírio voluptuoso,
Um extasiar fugaz, que alivia os ais
Dos inconformados com a realidade contemporânea,
Todavia seu unguento não dura mais que alguns instantes,
Seu efeito curador se converte em um maior pesar,
Maior que a dor atroz do passado.
Portanto, dou um conselho aos amantes das belas artes,
Não dêem ouvidos aos artistas do presente,
Sejam vocês mesmos uma ponte e o viajante
Para ir ao mundo da pura arte...
Vão ao encontro do elixir da eterna melancolia
Na fonte, na sua origem, onde jorra com perfeição,
Tanto o bem, quanto o mal dos seus sublimes criadores.*

Pescadores

*Remam os pescadores,
Conduzem seus barcos
Mar adentro.
Partem antes dos primeiros
Gritos do sol,
E sobre o calor da tempestade,
Sobre tórridos ventos procuram
O que não guardaram....
O mar não lhes dá atenção,
Nem peixe algum vem à superfície
Para lhes saudar.
O dia finda com o crepuscular dourado,
E mais uma vez voltam de mãos e barrigas vazias.
O opulento mar nada lhes oferece.
Como tudo isso pode ser poético...
Aos olhos de um parasita que observa
A distância, debaixo da sua figueira,
Onde usufrui a sua abundância.
Diz ser poeta, e que para tudo há substância.
Ricos pescadores que podem ir e vir,
Remando seus barcos com seus remos de ouro.*

Escuta a ninguém

*Segue teu próprio passo.
Te esquivas dos tolos sábios,
Que não sabem dirigir seu caminhar.
Se conselho fosse de alguma valia,
Seus conselheiros todos seriam milionários...
Esta é a filosofia dos “egoístas”?
Não, esta é a doutrina dos libertários.
Se alguém tivesse a verdade,
Se algum lunático soubesse do futuro,
Se algum visionário pudesse acertar algum evento do amanhã,
Não nos propiciaria de graça, sem falta nos seria cobrado um alto custo.
Nesse particular, alguns dos que se arriscaram ensinar à humanidade
Suas teorias, pouco ou quase nenhum sucesso obtiveram.
Quantos cristãos genuínos tu conheces?
Com quantos super-homens já te deparastes?
Ainda são os zés-ninguéns que formatam a estrutura da sociedade
moderna,
A cultura de massa, a reprodução em série cada dia toma mais
espaço...*

23\09\2007

Humano

*Humano, demasiadamente humano,
Eis tudo que não quero ser.
Sou progênie de um sangue antigo,
Que um amigo me legou ao alvorecer.*

*Meu destino é correr atrás da vida,
Percebida aos que querem reviver,
Das entranhas, dos enigmas dos mitos,
Acredito ter o dom de convencer...*

*Para os ídolos dos mortos um aceno,
Obsceno, pois é tudo que aos meus olhos podem ter.
Em tom claro grito aos mudos distraídos
Convertidos à crença do existir.*

*Já chegou, ao meu gosto o tempo certo,
Um deserto em oásis transformou.
Aos que antes vagueavam tão incertos,
Uma luz das alturas iluminou.*

Ao Amor

*Como criança frente ao mar
À primeira vista,
Como corredor que tomba
Ao fim da pista,
Assim me sinto,
Ante a tua grandeza
E majestade.
Meu espírito sangra,
Minha alma geme,
Minha boca seca
E meu corpo treme.
Como prosseguir?*

05/09/2007

A virtude do sofrer

No dorso do sofrimento
Eu consegui me livrar,
Das dores da vida simples
Que não pude ver passar.
Sofrendo se vence a dor,
E o medo do penar.
Quem não pode com o sofrer,
Também não pode sossegar,
É na dor que temos calma,
Nosso estado mais veraz.
Se quisermos chegar logo
Num estado da razão,
É preciso ser mais forte
Que as dores do coração.
Nem toda dor dói de mais,
Nem sempre é coisa ruim,
Há dores que são tão doces,
Como doce é o seu fim.
Quem deseja nesse mundo
Alcançar a perfeição,
Poderá chegar bem rápido
Na costa da aflição,
Já ouvi muitos dizerem
Que a dor machuca a alma,
Mas mudaram seu pensar
Quando viram suas caras,
Com os olhos calmos e límpidos,
Dos defeitos que arranjaram.

“É a dor o animal mais veloz que nos leva à perfeição

As dores da rima

*O inverno,
Um instante de frio,
Um espaço distante
Da febre do amor.
Na chuva sombria,
Nas trevas da dor,
O vento sulino
Anuncia o langor.
Dois corpos se cruzam
Num estado febril,
Não sente mais frio,
Primavera chegou.
É nesse momento,
Que a vida produz,
Na sombra da luz
Uma alma brotou.
Crescendo o rebento,
A rima se firma,
A sorte só prima,
Para um canto alcançar.
Perpetuar a sina,
Dos filhos da estima,
Num verso que ensina,
Um belo versejar.
Natural é a morte,
Viver exceção.
Morre-se de medo,
De frio e de dor,
Só se vive por obra
Ou milagre do amor.*

*A vida se faz
Com intenso calor,
A morte é covarde
Mora na esquina,
O poeta só rima,
A morte com dor.
É o inverso da sorte,
É a flor que murchou.*

Brasília 10/01/2007

Sobre um poeta morto

*A visão de um poeta que se assusta com visões,
Que pensa em outros planetas,
Que descreve assombrações.
Não pode poeta ser quem concebe ilusões.*

*O corvo de Edgar Allan Poe, uma sinistra alusão
Ao sofrimento metódico que permeia a erudição.
Entretanto há bons poetas, eu não posso esquecer,
Que, apesar das lamúrias, ele sabia escrever.*

*Pessoa até se arriscou sua obra transcrever;
Eu digo que não faria coisa com o mesmo fim,
Todavia, digo ao mestre, que respeito a diretriz,
Quem escreveu como ele por certo não foi feliz.*

*Outrossim, ainda recordo das noites de confusão,
Que, mesmo eu, sendo safo, me perdi, soltei a mão,
Escrevi algumas tolices, fiz uns versos sem padrão.*

*Recobro sempre o júzo quando releio a maestria,
Meu o poeta, a perfeição...
Entre tantos com virtude, sobra apenas uma Pessoa,
Quizá, este gêmeo fosse.*

Brasília 20/03/2007

Apenado

*Um apenado vive à espera da pena cumprir,
Como se o tempo não fosse capaz das noites medir,
Não dorme por medo de um dia acordar
E descobrir que a tal liberdade cansou de esperar.
Acredita vencer a distância do mar,
Em ilha insólita, distante do mal.
Ele até se compraz em viver da seiva do sal,
Não furta, nem deseja as virtudes de outrem,
Seu corpo esquelético, seus olhos profundos,
Sofrer é comum, visão de outro mundo,
Do alto distante chegou um tropel,
São almas penadas que já se livraram
Das algemas do céu.
Confuso se encontra, mas isso é melhor,
Saber que não vive entre as confusões
Que aprisionam os homens pelos corações.
Ser livre não basta para quem quer viver,
A vida só é vida para quem quer sofrer.*

Brasília 13/01/2007

Por dias melhores

*Há ainda quem espera,
Por um dia diferente,
Ser amigo da concórdia,
Vislumbrar um sol pungente.
Acordar com a lua em marte,
Afugentar maldizente,
Beber água fresca à tarde,
Adormecer bem contente.
Conhecer um homem justo,
Descobrir um bem presente,
Sonhador nunca se cansa,
Nunca perde o brio na mente,
Acredita em coisa fácil,
Não permite o permanente,
Muda a vida, muda o mundo,
Vai ao fundo secamente,
Encontrar sombra no escuro,
Escrever marcas no tempo.
Não se esconde do futuro,
Não se esquiva do presente.*

Ter uma obra!

*Não se pode mensurar o alcance de uma obra,
O homem, enquanto vivo, não pode perceber
O tamanho da sua mão, nem até onde pode ir a sua voz.
É injusto, dizem alguns, que almejam a glória em vida,
Entretanto, eu, como visionário, não comungo dessa crença;
A glória póstuma é que mais fascina um lunático real,
Quero que meus textos sejam lidos nos séculos vindouros
Quero ser esquecido por algum tempo.
Sei que o vigor do meu espírito suportará a poeira estelar,
E em algum lugar minha obra, mesmo desconhecida, viverá,
Alcançará a era gloriosa do Super-homem.
Um escritor, assustado com o que produzira, pensou em destruir
Aquilo que mais desejou, como um filho espiritual, do coração,
Ao observar a virtude de um filho varão, ao constatar sua nobreza,
Teve medo de deixá-lo em um mundo cruel, preferiu vê-lo morto,
A pensar no que seria seu futuro em mãos tão vulgares.
Eu penso que o futuro do homem, quanto espécie, está nas mãos
De quem planta flores no deserto, de quem joga pérolas aos porcos.*

Jorge, um nobre

*Um homem-flor que a vida esqueceu de regar,
Uma linda criança que os pais não puderam aceitar.
Nasceu em dia-santo, num espreguiçar de Deus,
Quando uma nuvem passou descuidada por cima do sol,
Um anjo que cuidava das portas do céu,
Que sem perceber as virtudes das crianças
Enganou-se, e não conferiu o passaporte;
Nem a idade de um menino que parecia crescido
E sem querer deixar transparecer sua minúscula falha,
Permitiu que a nave do amor trouxesse-o para baixo
Um ser superior, que não poderia ser bem-sucedido entre os mortais.
Assim nasceu entre nós, Jorge. Este foi um nome que lhe deram
Aqueles que pensaram ser seus pais.
Eu conheci Jorge, é verdade que como a maioria,
Ou como todos os que tiveram a honra de tê-lo em seu convívio,
Não compreendi nem de longe a razão de sua nobreza.*

Poeta como o vento

*Meu verso quis me deixar;
Perguntei assim ao vento,
Por que cantava ao relento,
Ele então me respondeu:
Não canto por ser feliz,
Repito apenas a dores
E o clamor de um mundo infeliz.
Dos que não podem falar,
Dos homens rudes,
Das mulheres que sofrem
A perda dos filhos,
Dos pais que não deram,
Que não puderam aos filhos educar.
Das meretrizes que não amaram,
Que não realizaram o sonho conjugal.
Então percebi que não podia calar,
Mesmo rouco, sem voz altiva,
Minha poesia sobreviveria,
Continuaria ativa.
Briguei com meu verso
Que queria ser derradeiro,
Abracei com mãos de ferro
O meu cantar desespero,
Para um poema findar.
Combinei assim com o vento,
Que enquanto houvesse tempo,
Para um dueto plasmar,
Seríamos dali pra frente
Duas vozes consistentes,
Para o mundo revelar.*

*Cantaríamos em unísono,
Um canto revelador,
Absorvido das almas
Que nunca tiveram um dom,
Cantar ou fazer poema,
Na brisa nas cantilenas,
Assobiar o mesmo som.*

Brasília 26/03/2007

Saudade

Vai minha saudade,
E diz pra ela,
Que a dor aumenta
Cada vez mais;
E, por mais que cante,
Meus males não
Deixam-me em paz.
Eu não tenho calma,
A dor da alma
É a que dói mais.
Vivo!
Penso que vivo;
Meu ego ativo,
Sobraram meus ais.
Tento um novo emblema,
Faço um poema,
Leio Mecenas,
Sonhos banais.
Tempo que sobra em vento,
Rouba-me o alento,
E o vigor sagaz.
Quero clamar ao vento,
Que o sofrimento,
Não agüento mais.

Um mal natural

*O mundo visível,
Visível não é,
Se fecharmos os olhos,
O que temos é a fé.
A fé que sentimos,
O olfato a cheirar,
O gosto do sal,
E o doce do amar.
O dom de ouvir,
A paz no final,
O som da vitória,
Do bem contra o mal.
O grito da vida,
O abraço do irmão,
A sorte vencida,
A morte no chão.
Com os olhos cerrados,
O homem partiu,
Deixando a tristeza,
Na mãe que o pariu.
Nem sempre é assim,
Nem tampouco é normal,
Se morre antes o filho,
A dor é fatal.
O certo seria,
Ir quem veio primeiro,
Num círculo comum,
Pôr na morte um freio.
Ser algo natural,*

*O nascer e o morrer,
Uma causa atômica.
Não ida sem volta,
Um destino final,
Se morrer fosse assim,
Era um bem natural.*

Brasília 21/03/2007

Viver

*Uma noite de angústia,
Será bem fácil vencer,
Se fechares bem os olhos,
E fingires que não vês.*

*Há alguém que não se cansa,
De a discórdia trazer,
Vive à margem da esperança,
Não conheceu a união,
Foi gerado no umbral,
De uma atroz perdição.*

*Mesmo quando se tem
Verdadeira alegria,
Para um algoz irascível,
Perde-se a luz da razão,
Tendo os olhos obtusos,
E a cabeça no chão.*

*Ser distinto para os homens,
Ser igual aos meninos,
Procurar a harmonia,
Converter os maus destinos,
Transformar as trevas em Luz,
Sem procurar desatinos*

*Eis aí a sorte boa,
E razão do bem-viver,
Engendrar a vida à toa,
Sem esquecer de morrer.*

*A planta nasce e carece,
De outra semente crescer.
A vida do homem é tudo,
E não se pode esquecer,
Atrás da felicidade,
Estamos sempre a correr...*

*Ser feliz é ter na alma,
A calma da prontidão,
Saber esperar a noite,
De dia a escuridão.
Tem passos bem definidos,
Andar com convicção.*

Brasília 06/01/2007

Ao meu filho

*Ao anjo que me conduz nas trevas dos homens e no labirinto de Deus,
Ao homem que me resgata das entranhas da minha imperfeição,
Ao ser mais sublime pensado em tão inóspito chão.
Meu sol que brilha eternamente em minha alma escura,
Ao riso que me trouxe a mais feliz aventura.
Uma emoção diferente, a única vez que algo me fez chorar de contente.
Eu que nunca digo o que não sinto, que sempre falo o que pressinto;
Para ti não tenho a forma escrita na língua dos mortais pra te dizer
o quanto vales,
Quanto me és caro e raro, amor que não se compreende.
Filho, minha alma em transparência, meu corpo em evidência,
Minha alma em um outro estágio, em outra essência,
A consagração de um contrato nas mais altas esferas do espírito.
Meu amado, meu filho querido, meu orgulho de homem ser,
Minha virtude ainda não vivida, meu escopo aprimorado,
Meu sonho alcançado. - Minha paz enfim sentida.*

*Este poema eu dedico ao filho que tive a honra imerecida de conceber:
Evan Henrique*

Brasília. 19/03/2007

Poema niilista

*Quero não sentir, quero esquecer,
Quero não ter sonho, quero me perder.
Não sei onde estou, já te esqueci,
Mal pensado amor...
Não te conheci, nunca te encontrei,
Não falei teu nome, nunca te abracei...
Qual a cor dos olhos?- Nunca imaginei...
Foste mal presságio, um lapso, uma dor,
Um esquecimento, um frio, um calor...
Um pisar em falso, uma pedra no chão,
Um quase cair, uma discussão...
Foste um mais ou menos, pico de pressão,
Um dormir cansado, susto ao levantar,
Um acordar tarde, não ir trabalhar...
Um poema em branco, uma distração,
Um coice de mula, uma opinião,
Um dizer que quer, um agir que não,
Um fazer malfeito, uma usurpação,
Um café amargo, um cuspir no chão...
Uma crença finda, foste um mal dormir,
Um anjo caído, demônio a subir...
Foste um céu rasgado, inferno a queimar,
Minha consciência, quase um delirar...
Romance de Proust, amor de Swann,
Chagas do ciúme, trevas na manhã...
Uma fruta verde, carne por assar,
Presente de grego, dor no calcanhar,
A ira de Aquiles, Heitor a clamar,
À luz da vingança, um pai a chorar...
Foste uma má sorte, quase um lamentar,
Um beijo de morte, perfume no ar,*

*Um ar de grandeza, uma presunção,
Um verso sem rima, a face do mal,
Tristeza constante, no peito um punhal,
O sangue jorrando, um pacto, um final...
Meu vagar noturno, naufragar em vão,
A pesca do Cristo, a soma do pão,
Pobres saciados, rica diversão,
A festa da noiva, a cabeça de João...
Um ardil perfeito, a conspiração,
A perda dos olhos, o encolher da mão...
Foste só angústia, grades da prisão,
Tudo para um louco, volúpia e razão...
Um poeta triste, mundo sem canção,
Foste tudo isso, minha obsessão...
Fim de um poema que não tem final,
Meu vazio eterno, a falta de ar,
A paz que procuro para não lembrar...*

Trilha

*Para encontrar um dia calmo,
Vale a pena se esforçar,
Até acordar mais cedo,
Para o sol não te queimar.*

*Pegar um rumo incerto,
Em busca da paz real,
Caminhar longa distância,
Sobre um calor matinal.*

*Mesmo cansado persista,
Logo a tarde chegará,
O sol há de se esconder,
Para teu corpo poupar.*

*À noite, as nuvens escuras,
Esfriarão teu calor,
Curarão as dores físicas
E as mágoas de um falso amor.*

Brasília 16/03/2007

Panacéia

A cura para os males da humanidade:
Dizem que sorrir faz bem ao coração,
Há quem diga que andar também o faz,
Outro canta para espantar a depressão...

Se sorrir curasse algum mal,
Só os tolos morreriam de aversão.
É sabido por todos que não riem,
Que a doença que mata é paixão...

Mais os sábios que nunca viram o mar,
Que se escondem com medo da razão,
Perceberam que a vida é fugaz,
Para quem ama, ou dar lugar à emoção...

Eu, no entanto, creio em uma coisa só:
Não ao medo, não aos males,
Que devora os perdedores...

Não é sorrindo que se chega ao longe,
É mais fácil vencer a escuridão,
Se tiver uma luz que não se apaga,
No meu caso, esta luz é o coração...

Brasília 12/03/207

O maior poeta vivo

*É na prosa que ergo a minha espada,
E cabeças não param de rolar.
Não preciso dizer com qual intuito,
Eu vivo e luto pra ficar,
O meu pé num campo arenoso,
Onde os vermes persistem em respirar.
Minha prosa enterra os absurdos,
E aos mudos eu grito sem parar.
Já nasceu o maior poeta louco,
Mesmo rouco descanso não terá,
Despeço-me da pessoa do passado,
Atrasado meu verso enfim chegou...
Acordai meus incautos desatentos,
No momento sou eu quem dá o tom,
Aos poetas que vivem distraídos,
Relembrando Quintana ou Drummond.
Quiçá outros versos me fariam,
Nesse dia que dormem em pedra mó,
Já desceram ao mais profundo sono,
Eu sou dono, sou rei nesse arrebol.
Pois quem vive e respira o fôlego lento,
Tem alento para os mansos distrair,
Já é tempo de olhar os lírios verdes,
De colher as orquídeas do existir.
Eu transcrevo o canto dos poetas,
Que perderam a marcha a sucumbir,
Sendo vivo com todos os fonemas,
Os poemas persistem em me seguir...*

Brasília 11/03/2007

Só os deuses morrem!

*Há quem creia que o homem seja eterno,
Assistindo a utopia abissal,
Esquecendo a vida no presente,
No passado revendo um fruto mal.
Deixem o homem viver a vida breve,
Não percebem que o eterno é irreal?
Só os deuses suportam a eternidade,
Pois não sabem as custas do viver,
Não nasceram do barro, da água leve,
São de neve e derretem ao sobro mal,
Não são gente com bÍlis e um coração,
São azedos nos tratos com o mortal
Renegando a vida a plenitude
São tiranos de modo colossal
Como deuses se prestam a vil vingança,
Nem criança escapa a sua mão.
Sendo o homem vulgar na sua estrada,
Com apenas um rumo a escolher,
Muitas vezes se perdem em labirintos
E do canto não saem para viver...*

Brasília 11/03/2007

Não canto mais

*Vou narrar um breve conto,
No recanto do cantar...
Quem não cantar, não encanta,
Nem consegue respirar...*

*Eu quero cantar meu canto,
Pra o mundo escutar,
Dizer das mágoas dos cantos,
Que não vieram ao cantar...*

*Respira vida dos outros,
Quem não se arrisca a cantar,
Por isso lá no recôndito,
Sempre há a nota fá...*

*Se não tiver boa voz,
Pode arriscar solfejar,
As cordas do coração,
Todos sabem afinar...*

*Eu que cantava nos cantos,
Nas estradas a caminhar,
Hoje não canto meu canto,
Nem consigo mais andar...*

*Esqueci as notas simples,
Os acordes pra chegar,
Em uma canção simplória,
Que possa aos surdos alegrar...*

Brasília 12/03/2007

Ausência

*Eu sonhei um sonho confuso,
Dizem que sonhos nada são,
Apenas disfunção orgânica.
Meus sentidos não sentiam,
Meus ouvidos não ouviam,
Meus braços não abraçavam,
Meus olhos não viam,
Nem minha boca falava...
Minhas pernas não andavam,
Nem cheiro algum eu cheirava,
Do meu lado tinha só um vazio,
Não era você que estava...
Pensei em pensar, mas não pensava,
Não tinha em mim sentido algum,
Todavia, uma coisa eu sabia, era noite...
Mas, como sabia eu que noite era?
Ora, se ao meu lado nada se mexia,
Se aos meus olhos tudo era pardo,
Se minhas idéias não se completavam,
Se tudo havia se transformado;
Só uma coisa poderia ter sucedido,
Era um sonho, um sonho ruim.
Eu, enfim, pude constatar que era noite.
Então se era noite e eu nada via nem sentia,
Só podia ser a noite eterna que me visitava...
Por isso, cheguei a esta conclusão:
Era noite, eu sonhava!
Viste que confusão fizeste em minha mente?
Foi isso que senti, ou não senti,
Aquela noite em que tu me deixaste...*

Brasília 06/03/2007

Grite à vida

*Grite à vida que ela responde,
E não diga onde hás de respirar.
Grite à vida que teu fôlego vem,
Sabes muito bem aonde vais parar.
Grite à vida, que de tanto andar,
Deve está cansada, dorme nas calçadas,
Para te encontrar..
Grite à vida, de olhar distante,
Em tom dissonante a cantarolar.
Grite à vida, ao subir no monte,
Pois teu horizonte vai desabrochar.
Grite à vida e não se acomode,
Pois teus braços podem-na abraçar.
Grite à vida cheia de virtude,
Busque na saúde razão para amar.*

Brasília, 05/02/2007

A ti minha desilusão

Aos pobres basta o pão,

Ao ser vivo um coração,

Ao mar os olhos dos apaixonados,

Aos pais o sorriso das crianças,

Aos cegos a esperança da visão...

Aos mansos a terra prometida,

Aos santos um reino celeste,

Ao poetas mais um instante de vida,

Ao amor a reciprocidade,

Ao desejo uma igual vontade,

A mim delírio de saudade,

A ti minha desilusão...

Brasília 26/02/2007

Vida, equação natural

*O que mais fascina o homem é a vida ou a morte?
Enquanto vivo, o homem busca compreender porque morre,
E se é tudo que lhe resta como prêmio, por ter vivido
Muitas vezes uma vida miserável.
A vida é complicada, cheia de incertezas,
Enquanto que a morte é simples e natural,
A única e fria certeza matemática.
Qualquer tolo sabe sua equação,
Soma-se nascer, crescer, envelhecer,
Obtém-se um resultado justo, igual a morte.
E todos, mais cedo ou mais tarde, aceitam esta condição:
A noção do nada.
Há só um ser que não equaciona esta probabilidade matemática:
O filósofo, alienado da crença e da fé na divindade de deuses ou de
homens,
Leva toda sua vida tentando encontrar outra fórmula, outra saída,
Outro total para a soma da existência,
Por isso se arrisca por caminhos distantes dos homens e dos deuses
Toda sua busca termina no labirinto sombrio da solidão.*

Brasília 25/02/2007

Não ter para não perder

*Não ter para não perder,
Eis a doutrina perfeita.
Ter um bem implica cuidado,
E muita disposição para protegê-lo.
Nada ter resulta em liberdade,
Para o ócio criativo.
Quem acumulou bens nessa terra,
Sabe como dá trabalho
Cuidar bem de um bem,
Ainda mais se este bem
For um grande amor...*

Por que traem os seres humanos?

Maldito seja o espírito traidor!

Por que traem os homens e as mulheres?

Traem aqueles que não têm força moral para revelar ao ex- amado que já não o ama mais.

traem também os insatisfeitos com seu quinhão com defeito, com seu amor parcial...

Traem ainda aqueles obsessivos, que têm medo de serem traídos antes...

Por isso procuram sair na frente na vilania de um falso amor.

Eu creio aliás, sei de fato, que traír faz parte da moral humana...

24/10/2007

Sou um destino

*Quanto romance há num poema?
Faço poesia como quem conta história,
Disse-me certa vez uma alma triste
Que não falo só de amores,
Conto as mágoas e as alegrias
Dos espíritos sonhadores...
Eu concordo com essa moça,
Que me lê como um profeta,
Ou como um contador de piadas,
Dos malditos perdedores...
Mas, eu ainda tenho mais
Pra dizer para meus leitores,
Para desconstruir um corpo frágil,
Para edificar com esmero,
Uma fortaleza indestrutível,
Onde habitam os vencedores.
Sou uma ponte entre o ser e o não ser,
Eu sou um destino
Para os homens que se aventurarem
Nas minhas águas de profundezas.
Uma vez lançado ao mar um barco frágil,
Não poderá mais voltar à praia de origem.
Tempestade de saraiva cairá,
Impreterivelmente naufragará
Para seres arrastado pela ressaca
De um aborto natural de um ser comum.
Deuses e homens em vão tentarão te seduzir
Com seus discursos, mas tu não os ouvirás,
Todavia, não deves te confundir, não és um deus...
Precisas ainda ter fé, para transportar uma montanha,
Para transformar teu saber em alento para os pecadores,*

*Para encontrar teu escopo final,
Tua espinha dorsal,
Para te sentares “à direita de Deus.”
Eis aí o teu destino meu irmão,
Sou um destino para os homens
E um fim para os “meninos”...*

Brasília 20/11/2006

Sobre Fernando Pessoa

*Pessoa, o rei da estética e da desordem...
Poeticamente, o vejo como um semideus,
Portanto, não creio que seja fácil ser superado.
Parece-me que por mais que tentem os contemporâneos,
Pouco será alcançado nesse mar infinito de assimilação.
Procurei algum poeta vivo que tivesse,
Pelo menos um por cento do seu espírito, e não achei.
Porventura, surgirá outro deus capaz de dar à luz outro filho igual?
Para quem não sabe da altura da sua majestade,
Pode dizer que sou um adepto do ateísmo.
Penso que ser ateu ou crédulo não quer dizer nada,
Partidário de qualquer doutrina será sempre um comandado...
Por isso digo com uma certa convicção,
Porque fui liberto desses estigmas humano-divinos,
Para um poeta não deve ser fácil vencer pelo discurso,
Por enquanto, devo ressaltar algo muito subjetivo:
Parte de minha vida eu dediquei ao culto à poesia,
Portanto, fui devoto dos deuses da poesia...
Poesia não é doutrina para ser seguida ou rejeitada,
Poetas nascem com uma maldição,
Perambular por todos os subterrâneos para chegar ao óbvio,
Posso, agora, concluir que sou um espírito eterno,
Pelo fato de que nunca quis ser mortal, para esperar por deuses...
Perdi meu jeito humano de ser, não quero ser humano nem humano ser...
Pessoas irão dizer, não importa o quê, pessoas não dizem, fazem...
Pessoa fez, eu também faço... versos... só isso...nada mais...*

Brasília 19/11/2006

Meu verso do q?

*Que vantagem há em mim sobre outros poetas?
O que há de mais doce no verso cítrico que faço?
Quero não querer, mas quero viver em busca do não...
Quanto tempo ainda hei de viver sobre este chão?
Qualidade não importa, o que importa é ter razão...
Quase me perdi nos becos das rimas da ingratidão,
Queria ser bem visto por dois ou três meio-irmãos.
Querela não aceitei nas minhas poucas moradas,
Quando o sol vinha me ver já estava nas estradas...
Que virtude pode ter um homem sem inimigo?
Quisera ter sido eu muitas vezes um amigo...
Quis andar sobre os montes, só pisei em meu umbigo,
Quarto escuro é meu descanso, avanço com intrepidez,
Quando descanso da noite dispenso um dia por vez...
Quero ser dono dos sonhos e nunca digo talvez...
Querido nunca serei, por meus pares vencedores,
Querem-me como discípulo, mas chamo-os de professores...
Querendo saber de tudo, me fazem rir dos seus valores...
Quem vale mais do que eu nesse universo de dores?*

Ódio e amor, juntos!

- O amor anda junto da razão.

Diz um tolo descuidado dos ardis do coração.

-O ódio anda bem perto,

Dos que amam sem razão.

- Diz um ser cômico do abismo da paixão.

“Arre, devo viver”

*Ao passo que me esforço para vencer mais um dia,
Sinto um receio mordaz de viver outro,
Outro amanhecer...
Quisera eu anoitecer junto com uma noite eterna,
E não mais acordar...
De que vale ter mais um dia,
Se não tenho a expectativa de um novo dia de fato?
Tomarei mais uma centena de cafés,
E escreverei mais uma centena de poemas,
Enquanto não justificar um justo suicídio,
Viverei! Até que o caos interior
Suporte a casca de homem que carrega
Meu espírito fatalista-natural, eu viverei!!!*

Brasília, 17/11/2006

“Conjecturas” Niilismo

*Sou o único poeta-filósofo,
Em que se pode trocar a palavra “amor” por amor.
Em todos os meus textos ou versos,
É fácil achar este enigma,
Pelo fato de que as duas palavras são para mim
Conjecturas ou afirmações niilistas.
Ainda quero deixar claro que ateu não sou.
Para quem não crê em nada, melhor é em nada crer.
Por isso eu creio no amor...*

Brasília 15/12/2006

Ao “amor” que não conheci

*Ao amor que não conheci,
Deixo meu brado num êxtase de morte,
Um grito de dor, no mais alto clamor;
Ao descuido da sorte.
Quem sabe no céu dos meus devaneios,
Encontre você rolando no espaço
De um infinito querer...
Querendo dizer num canto do verso
Que também me quis...
Mas isso é tolice,
Se não tive na terra,
Onde os homens se entregam
Às tolas miragens,
Não seria no céu para
Onde não se leva nem sonho
Ou bagagem.*

Brasília 17/11/2006

Busco a impopularidade

*Sou filósofo, não de fórmulas mágicas,
Ou teológicas, para explicar os deuses ou os homens,
Sou um eterno mutante.
Mas uma coisa é clara no meu pensamento.
Questiono tudo o que é de aceitação global,
Tudo o que é benquisto a muita gente.
Já ando em polvorosa: na minha casa
Sou quase uma unanimidade,
Até minha mulher vez por outra
Tece-me elogio sobre meus textos.*

Brasília 17/11/2006

Inventores

*Malditos sejam todos os espíritos inventores,
O que inventou a bomba atômica
Para ser jogada sobre as crianças,
E o que inventou a escrita para
Projetar os deuses...
Todavia, maldito seja ainda mais
Aquele que inventou o espelho,
Para a imagem do homem duplicar.
Foi diante do espelho que os símios viram
A possibilidade da metamorfose,
Que no espelho d'água,
Não foram capazes de aventar.*

Brasília 17/11/2006

O ateu

*Até hoje todos os ateus que conheci,
Sobretudo aqueles que foram também filósofos,
Foram pastores ou padres um dia,
No mínimo, filhos da Igreja,
Cristãos rebeldes, excomungados pelo não
Cumprimento das indulgências aos santos,
Ou aos seus superiores.
Ainda espero não morrer antes de apertar a mão
De um homem que não seja crédulo,
Que não tenha bebido da saliva dos santos ou de deuses...*

Brasília 15/11/2006

Ofício do discurso

*Nós, os loucos iniciados no culto à Calíope,
A deusa da eloquência,
Temos uma abissal tendência,
De vencer pelo discurso,
Como diria vulgarmente, no grito.
Para os adeptos dessa crença milenar,
Tudo é possível.
Todavia, em tempos remotos,
Era mais fácil nosso nobre ofício.
Hoje é um tanto estressante
Viver do exercício mental,
Da faculdade intelectual.
O capitalismo endureceu até
O coração das mulheres.
Tudo é negociável.
Desde que se possuam os meios
Para se chegar aos fins.*

Brasília 10/11/2006

Como ser maior que outro?

*Vejo os loucos em seus delírios de lucidez,
Afirmando que loucos não são.
Os homens que não fingem a lucidez,
Estes são mais loucos que os loucos
Que loucos são.*

*Só há, portanto, uma maneira,
De um homem se tornar maior que outro:
Subindo em pernas de paus,
Com um agravante hilariante,
Será visto pelos demais como palhaço.*

Brasília 10/11/2006

Sobre mim

*Derramarei meu espírito no mais alto grau de confissão,
Para que meu ego saiba como sou um bonachão,
Só que nunca suportei a face da presunção,
Eu mesmo tenho fugido do meu destino final,
Que é ser dono do mundo de um modo desigual,
Não tive amor nem dinheiro, só falta do que fazer,
Ganhei as dores da vida porque não soube viver.
Ainda falta-me muito na terra a realizar,
Vencer o medo da morte e o perigo de voar,
Navegar por entre mares nas profundezas do chão,
Cavar em busca da vida que perdi em discussão,
Saciar o meu desejo e a sede do coração.
Falta-me beber o vinho das loucas noites de paz,
Abraçar um corpo livre das covas dos ideais,
Embriagar-me com um sorriso do anjo mais pertinaz,
Enfim ter o meu quinhão, ser dono de um amor veraz...*

Brasília 17/11/2006

Teu corpo

*Nas curvas do teu corpo
Eu perco a direção,
Procuro como louco
A trilha da razão.
Deslizo em tua pele
Volátil sem o chão,
E atropelo a vida
Que está no coração.
Um pobre sem virtude,
Sem alma para te dar,
As sobras da saúde
Que há no meu olhar.
Sou um marujo estúpido
Que entra pelo mar,
Sem barco, sem um bote,
Que possa se salvar.
Teu corpo é o inferno,
Das minhas punições
Por ter rido da vida,
Dos tolos corações.
Descambo no abismo,
Da reta da morte,
No fim só terei
As migalhas da sorte.*

Brasília 16/11/2006

O vento

Coragem eu queria ter,
A mesma que tem o vento;
Invadir todos os nichos,
Esbarrar em movimento...
Desconhecer mar aberto,
Vencer as curvas do tempo.

Passear na noite escura,
Açoitando o meu lamento,
Distribuindo sorriso,
Aos espíritos do cimento,
Entrando no cemitério
Revirando o sofrimento.

Sem mistério, entra e sai,
Com a mesma sutileza,
Não se detêm em conversas,
Por mais que tenha firmeza.
O preço do seu apreço,
imensurável riqueza.
Vento livre que me inspira
Para teu corpo encontrar,
Ser liberto das intrigas,
Da ira do meu lugar,
Vem à minha triste vida
O meu sonho acalantar.

Brasília 15/11/2006

Ofuscado

Não posso encarar a luz,
Nem a bravura do sol,
Só sinto a febre peçonha,
Que me remete ao crisol.

Desconheço a cor dos olhos,
Daquela que me pariu,
Não posso secar a lágrima,
Que de mim nunca saiu

O vento às vezes me diz,
Que perto de mim há um cio,
Procuro sentir seu cheiro,
Primeiro me vence um frio.

Não tenho guia seguro,
Nem um porto pra ancorar,
Perdido vago no escuro,
O futuro a consultar.

Embora o malogro exista,
Eu tento a luz alcançar,
Persisto em achar um viés,
Onde um cego possa entrar

Se ouvisse a tua voz,
Quem sabe pudesse vencer,
A culpa da minha sorte,
Que a morte quer me vender.

Brasília 14/11/2006

Hiperbóreo

*Moro no subterrâneo,
Dos homens me separei,
Distante das controvérsias,
Meu destino encontrei.
As discussões dos sábios,
Não escuto onde estou,
Eu sigo por um caminho,
Que meu espírito tomou.
Não tenho medo das sombras,
Dos maus que andam na rua,
Aqui no calor da terra,
Eu tenho um mundo de paz,
Não me molesta os deuses,
Nem um anjo pertinaz.
Sob um justo governo,
Todos têm a mesma sorte,
Não há astúcia nos tratos,
Nem contrato com a morte.
Todo homem é um alvo,
Em busca da perfeição,
Não pode ser distraído,
Por rima de um coração.
Não há poeta nem arte,
Só o pensar retidão,
Desconheço um homem só,
Que não tenha seu quinhão.
Sou dono de um tesouro,
De altura e amplidão,
Aos pés dos reis do meu mundo,
Não se acha um só peão.*

Brasília 14/11/2006

Amor-difícil

*Para quem não viveu um grande amor,
Importa saber pelo menos se este amor existe.
Antes crer, do que não ter a ilusão da crença,
Para que o sonho pungente viva,
Até o fim do pulsar de coração ansioso.*

*Para quem não viveu um grande amor,
Eu, que não creio, peço a Deus,
Que possa lhe ser generoso, concedendo-lhe,
Uma porção desse caro licor das ilusões celestiais.*

*Para quem não viveu um amor, grande ou pequeno,
Eu devo advertir, não se iluda se, por acaso,
Um anjo lhe acenar com uma flecha, corra,
Saia do alcance deste algoz olimpiano.*

*Não sobrar  mais em ti um cora o para viver,
Para sentir as vibra es reais da vida só.*

*Quem ama, quem vorazmente ama,
Não tem tempo para ser amigo, para ser irmão,
Para ser bom pai, menos pra ser mãe.*

*O amor   de fato, egoísta, independente,
Capaz de ver são o objeto amado em sua frente.*

Brasília 09/11/2006

Meu pecado

*Ela ainda é meu porto; não diria seguro.
Todavia, ainda volto ao seu abrigo.
Tenho dela um aperto de mãos,
O afago de um olhar e um abraço amigo.
Também, que mais poderia querer um barco errante?
Se me afoitei por mares perigosos,
É justo, que ao regressar, receba a devida punição,
Devido ao espírito rebelde,
E por meu pecado impenitente.
Uma vez perdida a inocência,
O homem não será mais visto
Por Deus com os mesmos olhos.*

Brasília 09/11/2006

Acróstico

*Escravo do meu próprio querer,
Vadio, por natureza distraído.
Ávido por emoção diferente,
Niilista sim, porém, com agudeza.*

*De espírito, em busca de uma prova,
Ou de uma negação real, definitiva.*

*Compro aquilo de que não conheço o valor,
Ao mesmo tempo que nego, afirmo.
Raro como um bom licor, é meu jeito de viver,
Morte, de modo algum me incomoda,
O tempo que me resta, eu espero como sobra...*

Brasília 15/11/2006

Ter você

*Ter você é atingir o clímax do prazer,
Ter você é ter a satisfação espiritual saciada,
Ter você é o desejo do espírito em plenitude,
Ter você é o ter o corpo a conquista da saúde...*

*Ter você é não ter limites para chegar,
Ter você é superar todas as formas de delírio insano,
Ter você é ultrapassar a barreira de ser humano,
Ter você é vencer os domínios da imortalidade almejada.*

*Ter você, com plena razão, não é desejo que possa ser saciado,
Ter você, só mesmo sobre o efeito da loucura de todos os deuses,
Ter você, não é para mim, que ainda não te encontrei na terra,
Ter você, só mesmo no auge da minha loucura poética...*

16/09/2006

Uma análise franca do meu ego poético.

*Tento trazer a lume um verso que não seja triste,
Todavia, sou tragado pela melancolia que fácil
Alcança-me, nos meus empenhos de superar
A amargura dos espíritos dos poetas mortos,
Que não me deixam sossegado.
Ou será natural na vida dos poetas vivos,
Que não conhecem a ilusão do riso fácil?
Não foi dada aos poetas a percepção ingênua
Da vida comum, aos homens que poetas não são.
Não importa meu estado de espírito; sempre
Que escrevo, falo de saudade, de uma maneira
Que não compreendo, é como se este
Sentimento estivesse de fato em mim.
Não encontro razões para tal inspiração,
De onde vem esta aflição?
Este estado de demência existencial?
Não é meu, não da minha idiosincrasia.
Parece estranho alguns dos versos que escrevo.
É como se eu tivesse inconscientemente vivendo
Este momento, este sentido de abandono.
Ou como se profetizasse sobre um futuro sombrio
Que me espera, ou que eu espero...*

É atual esse sentimento.

Brasília, 16/09/2006

A força de um sorriso

*Com apenas um sorriso teu,
Com a magia e a inocência
Do teu olhar,
Fizeste-me prisioneiro.
Num visgo mortal,
Na teia intransponível
Da tua alma superior,
Meu corpo foi petrificado,
E estático estou,
Como um mortal ficaria
Diante de Deus,
Bastou um olhar descuidado,
Para revelar-me tua consciente
Intenção:
Dominar-me,
Trazer-me cativo
Aos teus pés.
Eu, um super-homem,
Que nunca se curvou
Diante de nenhum deus,
Vejo-me rastejando como um verme,
Implorando as migalhas
De um amor passageiro..*

A madureza

É comum um espírito criativo ter seus dias de improdutividade, e até de inconformação com a sua obra. Lembro-me do que me disse um mestre certa vez. “Para dar à luz é preciso ficar prenhe” e um gigante não nascerá sem um longo período de gestação. Veja o caso da criação, por exemplo, não foram seis dias criativos? E uma eternidade de elaboração? Levando em conta esse princípio e que depois do sexto dia não se produziu mais nada. Antes do primeiro ato criativo deve ter havido outra eternidade de preparação para o “parto” de Deus. Aí veio à luz um monstro imenso para nunca mais deixar de crescer: o universo. Assim se dá com um escritor, ou com um artista. Necessita de uma gravidez intelectual para produzir algo de valor, substancial. Poucos são os gênios que não reconhecem a eficácia da espera, da gestação, ou que, ao ficar maduro não tenha repensado sua obra, e muitos até abominaram os filhos da juventude. Poucos são os primogênitos que conseguiram convencer seus pais de sua nobreza. É, portanto, na idade madura que os homens se superam, e isso não acontece só com os artistas; mesmo entre os seres “normais”, entre os homens comuns, tenho observado que esses também se apercebem de que adquirem uma força moral superior à juventude, para dizer e fazer o que pensam ser melhor. Isso não é uma apologia à geriatria, como fez Cícero. Eu ainda prefiro a intrepidez da juventude, sobretudo a coragem que respira. O ideal seria termos juntos, em um só corpo dois espíritos, o exuberante e robusto espírito da juventude e o sazonado e ponderado espírito senil. Imaginem do que seria capaz um homem que possuísse tal tesouro! Todavia, ao passo que se aproxima o fim da peça magnífica que é nossa existência, mais eufóricos ficam os atores para dar o seu melhor, e isso ocorre porque não sabem se terão outra chance para representar o mesmo papel.

Brasília 30/10/2006

Látego

*Sobre as ignóbeis marcas do meu flagelo,
vez por outra, passas as tuas mãos infames a me acariciar,
e as tuas carícias doem tanto como doem
os açoites das palavras de tua boca sinuosa
a repulsar quem tanto te ama.
Serve-me tanto um afago teu repleto de hipocrisia,
como serviria um chute em meus órgãos genitais.
Com a tua sensibilidade de hipopótamo pisas
sobre o meu coração, como quem anda em fétida lama.
Assim parece-me a tua satisfação, o teu regozijo,
ao ver-me em tão triste abismo, em tão escuro cárcere,
onde o sol nunca brilha e nem por descuido às vezes bate...*

09/10/2006

Delírio

*Na angústia da noite te sinto ao meu lado,
A procurar-me com tua boca circumspecta.
Com uma fadiga ativa surpreendes-me e me cativas.
Não fujo do teu assédio, nem do teu aceno,
Teu olhar sinuoso fere-me como uma seta.
Não sei sair do alcance do teu perfume,
Nem me esquivar do teu veneno.
Embora seja sonho, ou ilusão consciente,
Eu me entrego ao teu capricho,
E me curvo aos delírios da minha mente.
Fujo do meu mundo, embrenho-me no teu nicho,
Nas garras vorazes do teu desejo eu fico impávido,
E como se veraz fosse esse delírio, gozo acordado em teus abraços...*

Brasília 30/10/2006

Hipertensão

*Tive um susto ontem à tarde,
A minha pressão subiu,
Faltou asfalto sob meus pés,
Ou foi o chão que se abriu.
Dizem que foi o café,
Isso é despeito vil,
De quem não sabe um décimo,
Do que o meu corpo sentiu.
Vi a presença da morte,
Com seu doce e meigo olhar,
Num riso funesto e santo,
A me dizer um segredo,
Que nunca vou revelar.
Um ar quente me envolveu.
A minha massa corpórea
Ao meu tato diluiu.
Avistei sobre o horizonte
Uma nuvem cor de sangue,
Uma sombra parda e cálida,
A envolver o meu ser,
Depois de um breve instante ,
Meu corpo ficou exangue,
Não senti calor nem frio,
Não atinei com o que via
Na palma da minha mão.
Depois veio um calafrio,
E o congelar do pulmão.
Arrisquei um diagnóstico,
Todavia, foi em vão...
Só sobrou você em mim,
Lembranças de um coração...*

Um homem vergel

*Imaginem um homem como um vergel,
De peito aberto, com uma alma livre,
Totalmente volátil,
Tendo o vento como leme,
Disposto a qualquer caminho,
A qualquer jornada,
Nem a chuva, nem o sol
Causam-lhe intempéries.
Um bravo guerreiro,
Vencedor dos desafios da distância,
Imerso numa bravura audaz,
Capaz de ir de um lado ao outro
Do universo imaginável,
Um espírito onipresente,
Dono de uma loucura consciente,
Com o dom de destruir
E de edificar com a mesma
Voraz nobreza.
É esse homem-natureza
Que os descrentes erroneamente
Chamam de Deus.*

Brasília 23/10/2006

Espírito de poeta

*Majestoso espírito que me guia,
Por insólitas estradas...
Sobre poeira e chuvas torrenciais;
Às vezes tenho medo de que
Abandone-me antes do fim da viagem.
Não aprendi a ver o pôr-do-sol lilás,
Quero ver o que há do outro lado,
O que se esconde por traz desta linda paisagem.
Durante as tardes chuvosas,
Depois da calmaria vem a tempestade,
Nem sempre consigo ver o arco-íris a me oferecer passagem.
Não tenho forças para avançar,
Sempre recuo frente ao abismo desconhecido,
Quando percebo que não estás comigo.
É nessas horas que descubro que és de fato transparente
E durante o dia não posso ver-te materializado
Com o teu pisar exuberante e firme de quando andas a noite ao
meu lado.
Já te conheço.
Sei deveras quem tu és, espírito indolente de poeta!!!*

04/10/2006

Mel

*Como abelha laboriosa,
Eu sigo fabricando meu mel,
Não sei se é doce, se é amargo fel,
Se tem veneno, ou fonte de vida,
Apenas prossigo sem descansar,
Nesse labor virtuoso que tive o dom,
A ciência e a perícia para alcançar...*

03/10/2006

Meu hábito

*Meu hábito constante
É viver em busca do nada.
Todos os dias saio à procura
De uma visão noturna.
Mas é só a luz do sol que vejo,
Não há mistério no dia-a-dia.
E como louco às vezes insisto,
Para que me mostrem uma novidade,
Todavia, não sabem os homens o que lhes peço.
Eu, como louco que sou,
Declaro publicamente as novidades do meu espírito,
Para que eles recebam e enriqueçam sua vulgar existência.
Os homens correm em busca das mesmas coisas...*

*E nessa ávida luta se matam por um bem perecível.
É sempre o dinheiro, seu quinhão maior na vida breve.
Esquecem-se de que não levarão um níquel sequer de suas fortunas.
Ofereço-vos meu dom maior, a minha poesia, recheada de filosofia,
Para vos dar um pouco de alento para suas vidas miseráveis...*

Arcano!

*Ela tem um jeito único de me conquistar,
Seu espírito é tão forte
Que mesmo distante me contagia.
Seu pranto justo é a marca
De sua inquietude
De sua insegurança.
Vive apenas para me fazer feliz,
Nunca se cansa de me falar
Que não vive sem mim,
E como uma criança frágil,
Se apavora se ensaio largar a sua mão...
Não sabe ela,
Que no fundo da minha arrogância,
Lá dentro do meu abismo existencial,
Guardo um segredo que hoje vou revelar:
Se não solto a sua mão,
Não é por piedade,
Nem por compaixão,
É por medo de perder para sempre,
Sua inocente e sublime submissão.*

Uma “torta” visão

O tempo subjugará minha eterna presunção,
O meu desejo será uma infinita ilusão,
O mundo ainda espera por um portento do céu,
O meu projeto de vida não perderá a razão.
O tesouro mais distinto será possuir o mel,
O gozo dos versos tristes que amargam como fel.
O meu destino brotou nas folhas do vil papel,
Outrora fui homem simples que acreditava no chão...
Outro dia me peguei viajando de avião.
O vento soprou meu rosto e o gosto me fez sorrir,
Onde quer que eu possa ir, nunca mais tive razão,
O ponto alto da vida é viver com o pé no chão,
O gosto doce da fruta, na casca pude sentir,
O máximo que posso ter é viver meu triste fim.
O homem que busca muito não pode querer ter paz,
O colorido das flores o cego não vê jamais.
O caos da vida se encontra na fonte da natureza,
O vai e vem sem cessar em busca da direiteza.
Oposto do meu sucesso, do verso sem rima e dor,
O rosto do meu futuro é pão que não fermentou.

Brasília 19/11/2006

Nietzsche

*Nietzsche não era ateu,
Negava o bem e mal,-
Niilista no fim da crença,
Nativo sem doce e sal.
Nas costas do super- homem
Navegou por muito mar,
Nunca se entregou ao culto,
Nada pode ele adorar.
Nos ventos do sul e do norte,
Nutria um só desejo,
Nadar um dia que fosse,
No rio do ensejo.
Naquilo que acreditava,
Não deixava de falar,
Num forte acesso de ira,
Na loucura foi morar.
Não perdeu assim seu mundo,
Nesse estágio fez ganhar...
Natureza viva e forte,
Noutro canto viu a morte,
No espaço do pensar.*

Brasília 19/11/2066

Inflamável

*Não tenho dúvida, sei quem sou:
Fogo que devasta as almas em que toco,
Água que leva em desespero os que ficam
Sobre meu curso, na direção contrária,
Da minha vontade de potência.*

*Corro para me afastar dos rastros
Que faço com as minhas passadas vulcânicas,
E tento alcançar meu grande mar...
Todavia, é de areia o mar que almejo.*

*Sobre as minhas vistas surge apenas
A ilusão de um dia de descanso.
A chama que arde dentro de minha alma,
Não será perene, se sair do espaço úmido,
Do teu olhar de neve, da tua mão álgida.*

16/09/2006

Uma análise franca do meu ego poético

*Tento trazer a lume um verso que não seja triste,
Todavia, sou tragado pela melancolia que fácil
Alcança-me, nos meus empenhos de superar
A amargura dos espíritos dos poetas mortos,
Que não me deixam sossegado.
Ou será natural na vida dos poetas vivos,
Que não conhecem a ilusão do riso fácil?
Não foi dada aos poetas a percepção ingênua
Da vida comum, aos homens que poetas não são.
Não importa meu estado de espírito; sempre
Que escrevo, falo de saudade de uma maneira
Que não compreendo, é como se este
Sentimento estivesse de fato em mim.
Não encontro razões para tal inspiração,
De onde vem esta aflição?
Este estado de demência existencial?
Não é meu, não da minha idiosincrasia.
Parecem estranhos alguns dos versos que escrevo,
É como se eu tivesse inconscientemente vivendo
Este momento, este sentido de abandono,
Ou é como se profetizasse sobre um futuro sombrio*

A musa singular

Antes de falar de poesia, ou da poesia, falo do meu verso que aparece no prelúdio da minha rima, como fonte magnífica do estado glorioso dos meus sonhos de poeta.

É o verso maior que a poesia, e o poeta maior que o verso, é você a minha inspiração divina. Portanto, és minha razão, ou a minha ilusão de ser poeta.

Antes de te conhecer, antes de te dar à luz na minha existência, não sabia que poeta eu era, ou se podia poeta ser.

Todos os meus versos, mesmo os que não te dediquei, foram feitos para ti, e por ti que os escrevi.

Musa eterna, mulher singular de alma única, de virtudes sem igual; meu amor não tem limites nem espaço para definir as loucuras que faria para te inventar se tu não existisses. No tempo em que vivo não há lugar para outra vida se não a tua, em meu viver só vive a tua vida, o ar que respiras é a chama que alimenta meu ser, minha alma canta de prazer, de satisfação por tua existência.

Flor de cheiro celeste, luz de beleza estelar, rainha de todos os castelos espaciais.

Em todas as línguas não há palavras que possam definir com exatidão tua beleza, ou o brilho de tua realeza.

Em toda lírica poesia, em toda épica dinastia não se encontra uma deusa que possa te lavar os pés, ou que seja digna de te adorar.

A busca

*Nem toda verdade abstrata me convencerá que sou
A pedra angular da vida que a morte um dia criou.*

*Que passem todos os séculos que o tempo já fabricou,
Nem assim serei tragado por um gesto do terror.*

*É sutil a diferença da crença para o fervor,
Os homens foram logrados por um surto de temor.*

*O passado tem seu preço e o futuro seu favor,
De curar todas as mágoas que no peito se alojou.*

*Eu, na minha simples história, já consegui meu penhor,
Já sei aonde vai dar o caminho que me tomou.*

*Geralmente se esquece a morte que nos causou,
Vida por um breve instante no rompante de calor.*

*Corremos atrás dos dias que a sorte nos ofertou,
E atrás vamos deixando semente que germinou.*

*Meus olhos não vêem as curvas, só avisto um corredor,
Intrépido sigo pisando nas costas de um perdedor.*

*Perdido num labirinto, não sinto frio nem dor,
Quero só chegar bem rápido à linha do vencedor.*

Porto

*Porto seguro, abrigo do temporal,
Porto feliz é quem tem amigo de água e sal,
Porto distante da intriga, brigando por um ideal,
Porto que abraça os náufragos que procuram um lugar,
Porto que nunca se fecha para um barco de outro mar,
Porto com os braços abertos para acolher um irmão,
Porto que perdoa fácil um marujo da ilusão.
Porto calmo, fortaleza, aquecido com amor,
Porto que procura sempre refrigerar uma dor.
Porto que sabe navegar com remos da prontidão,
Porto livre dos encargos, dos votos do coração,
Porto ativo, sempre vivo com a força de um vulcão,
Porto queria dizer, quão porto pra mim serás,
Porto discreto, que amaina as dores dos temporais.
Porto que não sabe ver qual é altura do cais.
Porto que adentra o mar para salvar um estranho,
Porto claro, luz do sol, de envergadura e tamanho.
Porto por que sois assim, respondo no teu lugar:
Porto eterno tu serás se persistes em remar
Porto com perseverança, para o mestre alcançar.*

Alma de poeta

*O poeta vive entre o bem o mal.
Quando pensa, é ateu; quando escreve é cristão.
Não pode ser constante, como constante não é o mar.
Dias calmos, dias turvos, uma eterna mutação natural.
Todavia, é sempre mar!
Homem como homem é todo homem, com uma distinção apenas,
Pode ser homem quando é preciso, pode ser preciso quando homem
for...
Dizem as mulheres que não “suportam” o galanteio de um poeta,
Diz o poeta que não suporta conquistar uma mulher só.
Não compreendem os homens comuns que poetas não são,
A suprema força da poesia em ação:
Derruba todo empecilho que encobre um coração ...*

Vergel 02

*Não desejo glória acima de outro homem;
Quero apenas subir sobre minha própria cabeça.
É de lá, do ponto mais alto que avistarei com sutil descuido,
A inanidade dos grandes homens.*

*Os olhos do povo não me alcançarão, nem tampouco,
Serei visto por uma massa de espíritos sábios.
Esses sábios, cegos, não desenvolveram a visão para
Enxergar à noite a figura que há no centro do sol.*

*No centro do sol há um cérebro congelado;
A - É do último filósofo!
B - Ou será o de Deus?*

Sou feliz

*Feliz é quem já tem no peito uma razão
Pra ser feliz completo, repleto o coração.
Eu sou feliz porque já fiz uma opção,
De te fazer feliz inteiro, por que não?*

*Você supriu a busca do meu eterno ser
Sei que tenho tudo, meu mundo é você.
Felicidade é tudo, codinome do saber
Que sou a tua paz, a luz do bem querer.*

*Buscar o ser feliz, nas garras da ilusão,
É muito arriscado rifar o coração.
Perdi a juventude sonhando pelo chão,
Estava aqui bem perto meu quinhão.*

*Se me faltar o ar, eu posso perecer,
Ir para o espaço nos braços do prazer.
Mas se te perder, não posso mais viver,
Idéia absurda, não posso conceber.*

*Ser feliz não é dom, nem privilégio de ninguém.
É a capacidade da autossatisfação.*

Hoje

*Hoje! Um dia memorável, vi meu amor feliz,
livre de toda opressão.
Foi como tirar uma pedra que havia em seu pescoço,
que a arrastava para o chão.
Pôs um sorriso no rosto e um gosto de sal na mão.
Não lamentou mais a sorte, nem o mote da canção.
Até arriscou um canto, não aceitou mais o pranto,
que antes era o seu bordão.
Eu, no meu canto fiquei, sobremodo satisfeito,
de vê-la assim tão contente, radiante,
como quem ganha um presente da mais alta estimação.
Todavia, estou deveras assustado.
Que mudança foi esta tão brusca?
Terá ela descoberto que eu não lhe faço
mais feliz, nem falta?*

Quero silêncio

*Fantasmas que me perseguem,
Aos diabos que os carreguem,
Estou afeito à solidão.*

*Eu preciso de silêncio,
É nessas horas que penso
Que o meu pensar seja em vão.*

*Melhor é ficar calado,
Do que falar sem razão.*

*Eu já sei andar sozinho
Nas sombras da perfeição.*

*Meu caminho foi traçado
Nas trevas da lentidão.*

*Fui aceito entre as estrelas
Que brilham no universo
Dos versos da salvação.*

Brasília, 22/11/2006

Para você leitor

*Desprezo quem afirma, com arte ou retórica
que tem a voz e o tom da verdade.*

*Sou claro como linho, trafego em minha própria rota,
para falar verdade, não busco confusão.*

Aceito o que outros pensam, na crença ou na paixão.

*Se sou veraz não sei, se quero ser ou não, só lendo meus poemas,
comendo meus emblemas, para ter uma posição.*

*Eu preciso parar de falar de mim, talvez canse meus generosos
leitores...*

*Então resolvi fazer um poema pra ti que me aturastes até aqui
deslizando em minhas rimas...*

*Despencastes do teu cacho, para chegar no meu santo monte...Pra
beber em tua fonte minha água cristalina.*

Vás dizer que também sentes as dores da contradição,

Que não podes ser sereno no meio da multidão.

eu sei como te sentes, porque vivo atrás do pão,

de um pouco de sossego, tentando guardar segredo,

no abismo da solidão.

“Coragem eu venci o mundo” disse um santo em confissão,

Todavia, deves seguir em frente, vais atrás do teu quinhão,

quem sabe no fim do túnel acharás uma razão, pro teu medo, pro

teu sonho, pra tua inquietação?

Beatriz

*Hoje uma criança, aos quinze uma mulher,
Teus pais ainda não sabem de onde vem você.
Da lua ou das estrelas, do mais distante céu,
Só pra trazer pra eles o mais sublime mel.*

*Teu nome já diz tudo o que poderias ser,
A soma das virtudes que eles queriam ter.
Nas horas mais difíceis do nosso existir,
Tu és a prova viva que um anjo pode vir.*

*A calma e a paciência que nós podemos ver,
Na luz do teu sorriso luzindo o viver.
É o fulgor da vida que enche nosso ser,
Teu nome é Beatriz só pra nos dar prazer.*

Ao verdadeiro Deus

*Ao verdadeiro Deus,
Um pedido, um desejo,
Um almejo de coração.*

*Ser fiel até a morte,
Sem sorte da perdição,
Ser dono de forte fé,
Distribuir com vigor
Os dons espirituais
Que o Cristo nos legou.*

*Acudir os descuidados
Dar amor em alto grau,
Não negar a mão amiga,
Não fazer sofrer o mal.*

*Exortar com alegria,
Abraçar todo irmão,
Orar por quem necessita
Encontrar a direção.*

*Ser bom pai ser bom amigo
Um filho de prontidão,
Ser amante da verdade,
Escolher a união.*

Poemas

Fazer poesia pelo ócio do ofício
Ou fazer simplesmente,
Pelo fado do vício.
Poema de riso, ou poema de dor.
Poema de ira de um malfadado amor.
É tudo poema, apenas poema,
Que não tem valor.
Poema só presta se for feito à mão,
Sem antes pensar na sua posição.
Juntando as palavras com sutil descaso
Como caem as folhas no sombrio outono,
Que vem ao chão em busca de um dono.
Poemas são aves de outro continente,
Que passam uma vez por ano
Na corrente de ar quente.

Dorme poeta

*Dorme o poeta um sono de morte
Na paz infinita do ócio da sorte.
Não é qualquer um que tem essa sina,
De viver sonhando nos braços da rima.*

*Um ser que sofreu as dores do mal,
Não acordará para apanhar o sal.
Dos céus há de vir um prato de pão,
Com o vinho selete da inspiração.*

*Para que serviria um poeta acordado?
Um triste fantasma vivendo o passado.
Dorme o poeta na cama do além,
Seu sonho nos fará dormir muito bem.*

Queria saber poemas

*Queria saber poemas
Para os teus olhos cantar,
Fazer um verso sem rima
Com a prima de Quintana.*

*Poetas são como deuses
Que não se pode alcançar
Mas se eu chegasse a ti
Meu verso eu ia te dar.*

*Os pássaros que cantam a vida
Os peixes que vivem o mar
São provas de que há vida
Nos campos do teu olhar.*

Brasília 24/11/2006

Um tolo a falar...

Às vezes penso, se este meu ofício tem lá alguma importância. Dizem os homens que a vida é passageira, e que o homem não foi convidado para este passeio pelo universo da existência. Sei lá, acredito que a vida não tem lá muito mistério para nos intrigar. Já ouvi grandes filósofos dizerem que a vida nada mais é do que o contrário da morte. Que não há vida de fato, e sim uma variação das coisas mortas, coisa de maluco, insanidade filosófica. Prefiro viver a me preocupar em saber o que é a vida, muito menos o que é a morte.

Quanto ao meu ofício, sei de uma verdade: inútil não pode ser, se estás aqui a me ler! Ou será porque não tens nada melhor para fazer? Isso também não importa. Obrigado...

Brasília 24/11/2006

A salvação

*A salvação pertence aos humildes!
Quem nunca ouviu esta expressão?
Aos santos, Deus leva ao céu,
Aos mansos promete o chão.
Eu não sou bom, e nem mau,
Qual será o meu quinhão?
Espero que tenha Deus,
Produzido outro lugar,
Para os homens que são crentes,
Mas que não sabem rezar.
Eu nunca tive remorsos,
Também nunca fiz o mal,
Só sei que pro céu não vou,
Pra terra quero voltar,
Quem sabe serei de novo,
O adão do seu criar.*

Brasília 24/11/2006

Prossigo...

*Eu devo seguir em frente com a minha obsessão,
De escrever todo dia um verso ou uma canção.
Porque me comporto assim, não faço a menor idéia,
Só prossigo como Homero escrevendo a Odisséia,
Não durmo e não me disperso como abelha na colméia.
Camões também foi lunático na construção dos Lusíadas,
Narrando história e romance com afã de muitas vidas.*

*Eu penso pouco o que faço, apenas planto no chão,
As sementes mais robustas que trago na inspiração.
Amores eu canto em versos, as dores de uma paixão,
Procuro chegar primeiro no aceiro da razão,
Para apagar o fogo que queima a fria desilusão.*

*A vida é sempre bela quando vivemos por dia,
Não desejo de uma vez o furor da alegria,
Se os dias fossem iguais que importância teriam?
Respiro o ar do campo numa cidade agitada,
Percebo a luz no escuro quando durmo na calçada.
O pobre é rico pra mim, porque me esforço a olhar,
As virtudes das pessoas, e não a pele e o andar.*

*Se tenho às vezes receio de entrar no labirinto,
Lembro-me das flores roxas e do mel do absinto,
Do gosto amargo e do fel dos dias que a mão não sinto,
Do abismo que me assombra, nos dias que eu não minto.
Mente o poeta em tudo, nas coisas mais sem razão,
Disfarça que vive e mente pra fugir do coração.*

Difícil é saber se mente, ou se ele fala a verdade,

*Do jeito que chora, ri, no peito esconde a saudade.
Ninguém de fato, verá a alma nua de um cão,
Que finge que é um gato pra fugir da maldição,
Assim eu vivo correndo no espaço da solidão.
Escrevendo o que não sinto, sentindo sem escrever,
Pra não ser pego sem calças, nas causas do meu viver.*

Iranete Acróstico

Infinito amor, tudo que posso querer, felicidade constante só contigo posso ter.

Raio de sol e luar, meu universo é você, a paz que um homem procura numa aventura viver.

A ti, me rendo e te dou a minha vida e prazer, Meu coração não se cansa de tua vida bater.

Natureza que fez, não poupou e nem negou as virtudes que acumulou te fez perfeita e veraz ao gosto do meu amor.

Especial como gema de jóia de alto valor... Sublime luz que me guia aos lugares aonde vou...

Teu coração tem a cura da mais sufocante dor, eu vivo, canto e respiro por obra do teu favor..

És única no céu e na terra, pra mim a mais bela flor, só peço a Deus que não tire de mim nunca o teu amor...

Brasília 24/11/2006

Vício de ler

O raro vício de ler,
um passatempo para alguns,
um nobre modo de viver,
distracção de vagabundos.
Se tenho tempo não leio,
não posso me concentrar,
as letras fogem dos olhos,
palavras põem-se a brigar,
histórias correm com medo,
dos seus segredos contar,
Por isso não leio à toa,
pro tempo não me enganar,
leio quando estou aflito,
repleto do que fazer,
para não ver o que leio,
por medo de me perder
nas idéias dos autores
que fingiram ao escrever...

Brasília 29/11/2006

Beber à vida

*eu, de fato, não bebo,
não preciso de artifício,
me satisfaço com verso
que é sempre o melhor vício...*

*há alguns que bebem tanto,
que não conseguem beber
a água pura da vida,
que só vivo pra saber...*

*nada tenho contra quem bebe
sei que também já bebi
talvez um dia ainda beba
as lágrimas que não verti...*

*um coração bem cuidado,
terá sempre combustão,
para encarar as dores,
e as mágoas da solidão...*

Brasília 01/12/2006

O tempo

*o tempo urge,
como a vaca muge,
quando quer parir.
eu vivo rugindo,
em vez de sorrir,
meu espírito sabe
o tempo que tenho,
para trazer a lume
os versos do além,
do além da vida,
do além da morte,
no fim minha rima,
rimará com a sorte.
tenho pouco tempo
para escrever,
mas será preciso
muito pra se ler.
escrevo de uma vez
tudo o que puder,
pra trazer à luz
um pouco de fé.
a fé é preciso
para quem está vivo,
eu ainda morto
a escrever prossigo.*

Brasília 01/12/2006

O estudo

O estudo é necessário
Para toda sorte de homem,
O meu pai sempre dizia:
Estude se não quiser passar fome.
Hoje eu também vivo a repetir
Para o meu filho, o mesmo discurso.
Todavia, no meu caso,
Estudo não me deu luxo.
Me tornei sábio de mais,
Mas não arrumei dinheiro,
Não tenho fama e nem grana,
Nem tampouco companheiro.
Assumi o meu ofício
De poeta e cantador,
Não preciso de estudo
Para atrair o amor.
Não se precisa de estudo
Para ser poeta bom,
Nossa Cora Coralina
Foi aceita por Drummond;
As coisas simples da vida
São lidas através do dom.

Brasília 01/12/2006

A mó do tempo

*Caminhar sobre os destroços
De um mundo que não existiu,
É o hábito de um viajante do futuro,
Eu conheço este enigma estelar
Pois sou um visionário e procuro.
Mesmo o caos que outros vêem
E não percebem, eu percebo,
E com ele sou constante.
A desordem, a falta de esmero,
Que os homens das artes propagaram,
Trouxeram-nos à estrada eqüidistante.
Foi por causa desse vil descuido,
Que o futuro está comprometido.
É preciso deter a mó do tempo,
Pra salvar a contento o bem perdido.
São as obras dos nossos dias idos,
Bem melhores
Que as dos meus contemporâneos.
Não concebo o medo dos meus pares,
De apostarem as fichas que ganharam,
Perdem tempo tecendo fio fino
Como velhas que querem distrair
As pessoas que não olham o horizonte,
E nos montes não querem mais subir.
Há quem diga que a fé move montanha
Eu, porém, nesse texto, não quero oferecer
A visão aos cegos que perderam a
Noção e o tato de medir,
A distância do hoje ao amanhã,
Onde mora a razão do existir...*

Brasília 02/12/2006

Escrever

O ato de escrever, segundo um escritor de relativo sucesso: É um câncer, uma lepra voraz que destrói não só a quem a possui, como aqueles que são tocados por tal paciente terminal. Depois de ler e reler os maiores leprosos deste mundo sombrio da literatura, algum mal devia mesmo sobrevir aos incautos e curiosos leitores. Todavia, não pode ser comparado o dano causado aos leitores como ao que sobrevém aos escritores, que buscam descobrir as mais recônditas animálias das almas dos literatos.

Eu conheço crianças que já dominam os segredos mais perigosos desse universo das letras, que são postas em desordem por espíritos da literatura, para serem organizados por meia dúzias de pessoas capazes de tal feito.

Há, sem dúvida, alguns milhões de enigmas nos textos mais inocentes, e a prática da leitura, com um vigor e com um temor salutar dos seus criadores, nos leva a descobrir tesouros escondidos de imensurável valor. Há, ainda quem diga que ler de mais pode ser perigoso, desenvolve-se uma consciência alucinada e que muitos enlouqueceram simplesmente pelo fato de ler de mais.

Admito que louco não sou mais, pois a leitura me ensinou a dominar e equilibrar minha anterior personalidade, que hoje, ao meu ver, era sim um estado de torpeza lunática. Hoje estou consciente de uma coisa: não posso mais viver sem ler, no mínimo 100 páginas por dia, e sem escrever no mínimo dez, seja em forma de poemas ou de textos avulsos, ou dentro de um projeto maior como um romance. Não importa. Se isso é loucura? Quero continuar louco por muito tempo.

Brasília 03/12/2006

A melancolia dos poetas

Schopenhrauer, na sua infinita melancolia, afirmava que, viver é sofrer! Outros embirante-cabeçudos como ele também ratificaram esta teoria depressiva. Este pensamento sempre habitou a mente dos filósofos. Por isso, esses melancólicos gênios produziram tanto na área do saber. A tônica deles sempre foi viver cada momento com uma intensidade quase insana. Um dia por vez. E esta pressa de viver os conduzia paradoxalmente à insatisfação existencial. A cada projeto findado, lhes sobrevinha uma sensação fúnebre, um frio de morte... Porque em cada projeto, eles colocavam toda sua força para alcançar o ponto máximo, o topo da razão do existir. Todavia, quando terminavam ainda estavam vivos, apesar de terem dado todo seu sangue. Somos assim, aos olhos dos homens, loucos! Entretanto, se não fosse por essa loucura, a humanidade não mais existiria. Imaginem o mundo sem arte, sem música, sem a doce loucura dos poetas, ou mesmo sem a inocência dos palhaços... Teve calafrio? Parabéns! Ainda tens um coração.

Paralítico

*Sinto-me, sobre os escombros do que fui um dia,
Como um barco encalhado em praia deserta,
Não vejo mais o mundo que antes vendia alegria.
Turvo está o mar e a melancolia me espreita.
Eu, como um inválido, sou empurrado por frio carrasco,
Por um forte vento. Perdi as forças e a bravura infante.
Sou morada de vermes que comem e dormem sob meu casco,
Não tenho mais vela, nem marinheiro ou comandante.
Respiro a brisa do medo que sufoca como ópio alucinante,
Sofrimento atroz, eu padeço, fora do porto dos amantes.
Antes naveguei em mares sob tormentas desconcertantes...*

De volta à vida

Depois de uma pausa angustiante, voltou a mim o fôlego de vida que tive outrora. Mais uma vez escrevo com a firmeza dos grandes espíritos que me iniciaram neste ofício nobre do pensar. Estou sazonado! Não creio que seja só pelas centenas de livros que li; é evidente que tudo isso é importante para compor um vocabulário audível. Todavia, não posso menosprezar o dom divino que recebi pela capacidade de observação e pela eloquência que aprendi escutando a voz do vento, uma voz afável que me diz coisas magníficas que devo reproduzir na língua dos homens.

Hoje tenho pouco a dizer, só que estou embevecido com o que consegui produzir entre um café e outro...

Brasília 27/10/2006

A metafísica

Que benefício teria o homem se constatasse de fato que não há eternidade?

Seria por ventura mais feliz; ou perderia toda razão para praticar o bem ou a ética na sua vulgar existência?

Há, portanto, quem defenda que com a morte de “Deus” o homem atingiria a liberdade absoluta. Eu penso que a dúvida será sempre benéfica, sobretudo nesse contexto, é preciso que haja maior entendimento sobre a existência de um Deus, ou de deuses, levando em conta que dentre a humanidade há muitos que se dizem deuses. Para toda sorte de homem há uma sorte de deus. E olhando atentamente para essa idolatria babilônica vamos encontrar muitos seres bizarros, deidades estranhas que não têm provado sua existência. Todavia, há quem neles creia sem sombra de dúvida.

A Ciência, que reluziu como ouro e que anunciou a revelação de todos os enigmas da natureza, que se apresentou como um deus moderno, não foi capaz de libertar o homem da escravidão ecumênica. Mesmo entre os que praticam a ciência não há quem afirme categoricamente uma coisa nem outra: se existe ou não um Ser Superior. Reside aí uma eterna interrogação: será mesmo o homem um dia capaz de dizer sem tremer que não há nada além do horizonte físico?

Diria um grande filósofo que “a metafísica é um doce envenenado que o homem não pode tocar e continuar são, há de morrer ou enlouquecer.”

Uma dor

Tive uma dor que de tanto doer

Não sinto mais.

Parece que de dor, virou prazer!

Tenho sempre um êxtase incomum,

Quando lembro-me que não era dor,

O prazer que agora sinto...

É de ti que lembro

Quando finjo que sinto a dor,

Na verdade, é por essa dor que tanto minto...

A parte que me faltou.

*Tenho uma alma rebelde!
Diz minha amada,
Que tem um espírito sereno,
E é dona de uma índole incomparável.
Ela é meu equilíbrio,
A parte que me faltou ao nascer.
E apesar da minha tirania,
Tenho ainda fibra moral para admitir
Que sem ela não teria chegado até aqui,
E que sua presença é imprescindível,
Para que eu possa atingir o último degrau
Na minha jornada terrestre.*

Abelhinha

*Abelhinha que fugiu
Dos lírios celestiais,
Hoje brincas sobre as flores
Dos meus dias tão reais.*

*No teu bico cor de prata
Trouxeste-me lá do céu,
Uma porção infinita
Do mais doce e raro mel.*

*Abelhinha flor divina
Que no alto floresceu,
Nas sombras das tuas asas
Nosso eterno amor nasceu.*

Brasília 18/10/2006

Alvedrio ao suicídio

É espantoso o conflito que há nas tuas reações físico-emocionais. Enquanto, tentando expressar a razão, a tua boca fala, diz que não quer o inevitável, os teus olhos não conseguem disfarçar, que estás a lutar contra uma força descomunal, e serás por ventura vencedor? É que o corpo não tem domínio sobre a alma de que tem uma paixão, o espírito que habita em nós é quem conduz nossa emoção; a decisão pode até ser tomada pelos órgãos sensórios, todavia, o espírito dentro de nós, no íntimo do homem físico que somos por fora, dentro de uma realidade conservadora, chorará, se debatendo, se contorcendo em protesto contra a ditadura de um sistema sociocultural no qual fomos inseridos aleatoriamente. E esta luta desigual nos leva ao amofinamento, a um estado de profunda constrição.

Todavia, um espírito robusto que tenha completado seu período de infortúnio nesse estado, no cárcere privado das sublimes emoções espirituais que estão reservadas apenas para os iluminados, não aceitará a tirania eterna do corpo, moldado pela insensibilidade do culto regionalista terrestre, e terá duas opções para atingir a liberdade gloriosa: uma é a exercício da loucura consciente, para enfrentar o senso comum, quebrando assim as barreiras das convenções hereditárias. A outra é a opção magnífica que foi dada ao homem, a força do livre direito de ação, o seu alvedrio, para escolher entre a morte comum aos fracos, e a morte sagrada dos mártires que se abstêm da vida comum, para se tornarem santos, ou arquétipo de liberdade para toda humanidade. Brasília 18/10/2006

Café

*Ópio negro que anima
e alucina a alma
de um poeta triste,
quem te plantou?
Em que mar tua raiz resiste?
fazes germinar
a semente de um fruto
que persiste,
é na tua essência
que a minha poesia existe.*

Arcano!

*Ela tem um jeito único de me conquistar,
Seu espírito é tão forte
Que mesmo distante me contagia.
Seu pranto justo é a marca
De sua inquietude,
De sua insegurança.
Vive apenas para me fazer feliz,
Nunca se cansa de me falar
Que não vive sem mim,
E como uma criança frágil
Se apavora se ensaio largar a sua mão.
Não sabe ela,
Que no fundo da minha arrogância,
Lá dentro do meu abismo existencial,
Guardo um segredo que hoje vou revelar:
Se não solto a sua mão,
Não é por piedade,
Nem por compaixão,
È por puro medo... medo de perder pra sempre,
Sua inocente e sublime submissão.*

Minha vida em tuas mãos

*Como um cristal precioso, carregas minha sorte em tuas mãos.
Minha vida não vale mais que um desequilíbrio teu,
Como um ritual sagrado é para mim teu caminhar,
E sobre as pedras do desencontro, até quando andarás sem tropeçar?
Apenas uma distração, ou um resvalar nas sinuosas imagens da estrada,
Para despedaças minha alma na gaia triste,
E para despejares meu sangue no seol.
Sei que valorizas a minha porção divina, o fôlego de vida que recebi,
Mas, as preocupações diárias são tantas que, por um lapso,
Pode ser que tu te esqueças do que levas em tuas mãos.
Melhor seria que, por um instante, descansasses sob a sombra da reflexão,
Para certificar-te dos perigos das sendas íngremes por onde por capricho
Mórbido tendes a caminhar.*

E a cada passo teu, vejo-me mais perto da morte...

Teu peito é o alvo

*É preciso fazer versos sem rima
Para atingir o âmago do espírito lírico.
Não posso fingir que compreendo,
Quando na verdade sou, invés de santo,
Obsceno.
Se me esforçar à pratica doutrina,
Do amor dos homens ou dos anjos,
Perco o senso e a língua tropeça.
No caminho insólito vejo meu regresso,
No meu peito uma voz sombria grita,
Meu desejo saciar estima.
Ávido, busco a seiva de um amor bandido,
Pra suprir a falta da saudade,
Pra curar meu coração dorido.
Corro atrás da posição correta,
Firmo o pé, mas a alma palpita.
Pra lançar em teu olhar a seta.*

Brasília 20/10/2006

Rally

*Eu vivo como um cometa,
Minha rota é singular,
Meus passos não deixam rastros
Na sombra do meu andar.
Há um tempo de espera,
Como para o sol raiar,
Num espaço de mil anos
Eu volto para acordar
Os homens que dormem cedo
E que têm medo de sonhar.
Trago o alinhar dos astros,
Depois do eclipse lunar,
E uma grande tempestade
Para o solo germinar.
Minha voz rasga o espaço,
Como um deus a trovejar,
Só assusto os homens tolos
Que não souberam plantar.
Sou um pensador galáctico
Que dos céus veio ensinar
Como semear na terra,
E como pescar no mar.*

Brasília 30/10/2006

O fel e o mel

*Plantei em teu peito um atroz punhal,
Tirei o teu sangue para ser meu sal.
Água doce e pura saiu do teu mar,
Para minha sede voraz saciar.
Na tua amargura encontrei prazer,
Fiz-te infeliz com todo meu ser.
É na tua tristeza que me sinto zen,
Nela compreendo quanto me queres bem.
Vejo no teu pranto a razão de ser,
Cada dia mais pra te conceder,
Um pouco de mim, um pouco de nós
Pra sermos no fim, dois em uma só voz.
O doce e o sal, o fel e o mel
A calma e a dor,
Tristeza e sorriso, o ódio e o amor...*

Para ver e ouvir sem disfarce emocional

Mesmo para um poeta descrente das crenças de homens e de deuses, ele não consegue falar para os homens e para os deuses sem o artifício simbólico da metafísica. Pois não há como atingir a alma dos mortais sem que se faça uso indevido das almas dos anjos e de demônios. O ser humano é tão artificial e sem alma própria, sem espírito, que para se fazer compreendido e para que cause espanto e reverência nos homens, os artistas só conhecem o caminho sinuoso da espiritualidade, da fé, do sacrilégio. E se algum poeta tentar vencer esta barreira e falar de outro modo aos seres vivos, com uma linguagem física, real, não será ouvido nem alcançará a glória poética. O mesmo acontece com o amor das mulheres, para elas, o deus mais veraz e capaz de conduzi-las ao paraíso das delicias celestiais ou terrestres. São considerados como poetas malditos, aqueles que não fazem uso da metafísica para se auto-afirmar no mundo dos fantasmas líricos.

Eu penso que não será possível romper este cadafalso sem o uso da força que poucos homens têm, só ensinando um novo ofício aos homens e aos deuses para que eles não continuem a se ofenderem mutuamente.

Eu, na minha poesia até hoje, tenho feito uso da força, dessa mesma ilusão, para me apresentar aos homens, sobretudo como poeta. Todavia, devo ressaltar que só as mulherzinhas foram subjugadas ou encantadas por meu canto lírico.

Costumo escrever nas entrelinhas para ver até onde vai a ignorância das mulheres, e cada dia, surpreendo-me com a sua sensibilidade para serem enganadas até pelos homens mais rudes, desde que eles se apresentem de forma viril.

“Aos olhos do coração não se pode enganar”. Já ouvi alguns homens dizerem. É impressionante a estupidez desses cabeçudos que se

esquecem de olhar com os olhos literais, para de olhos fechados enxergar o que ninguém vê; exceto os que vivem sob o mesmo véu da ignorância emocional.

28/10/2006

Nem tudo é amor e dinheiro

*Não se pode ter tudo na vida,
Diz o homem que não arrumou
Nem amor nem fortuna bem-vinda,
Pois a sorte olhou-o distraída,
E o amor nem por perto passou.
Há quem diga que o amor é virtude,
Outro fala que é um bom ditador,
Mas conheço duas sortes de homens
Que perdeu o dinheiro e o amor.
Um, de sorte largou o dinheiro,
Para ser a mulher seu vigor.
Não importa que falte a comida,
Pois na vida o que vale é o amor.
No entanto, outro fez diferente,
Procurou quem queria trocar
Seu amor por um rico presente,
Pois para esse é um bem sem ter par,
Não se liga às coisas do espírito,
Vive apenas por um ideal,
Ter sucesso, riqueza e dinheiro.
Não precisa de bem fraternal.*

Brasília 17/102006

Alma constante

*Na separação da medula,
Entre a alma e o espírito,
Vive a minha força ativa,
Que verseja dia e noite.
A robustez da minha alma poética
Não dorme nem descansa,
Nem se cansa.
Sou ferozmente viril
No meu labor eterno,
E eterno sou quando escrevo.
Não há tempo ruim,
Nem tempo bom
Que não dê uma canção.
Os olhos de um poeta
Não permitem a distração.*

Brasília 03/10/2006

Tua face

*Olho e vejo a tua face
Em tudo o que é vida,
Toco e sinto a tua pele
Em tudo o que agarro.
Ouço a tua voz no
Murmúrio suave do vento,
Inebrio-me no teu cheiro,
Nas fragrâncias do teu corpo,
Desejos intensos de estar contigo,
Vontade desenfreada de viver.
É a loucura de saber amar
Para se deixar morrer.*

Iranete do Carmo

Como poeta

Como poeta não tenho alma
Como poeta não tenho crença
Como poeta não tenho pátria
Como poeta não tenho sorte
Como poeta não tenho vida
Como poeta não temo a morte

Como poeta não creio em nada,
Só acredito na própria essência.
Como poeta sou descuidado,
De olhos fechados sou paciência.
Como poeta só ando à noite,
Não tenho medo da escravidão
Que subjuga os homens fracos,
Que nem de noite poetas são.

Como poeta, vivo com garra,
Não me perturba a religião.
Salto por cima das controvérsias, Que amofinam a multidão.
Como poeta sou parcial,
Não julgo à toa o meu irmão.
Como poeta ando nas nuvens,
Porque meus passos não sabem o chão.

Brasília 04/10/2006

Trair-te

*Trair-te, não seria nada fácil,
Pois teu espírito anda ao meu lado.
Trair-te, seria para mim um tanto complicado,
Um ato repugnante, cuspir no prato das delícias,
Das tuas virtudes, onde me fartei do teu sangue,
Que me garantiu vida e saúde.
Trair-te, não será para mim possível,
Entre nós, não há divisão de alma ou de espaço,
Não vivo sem o alcance da tua mão
Sem a proteção dos teus abraços.
Trair-te, seria suicídio consciente,
Não se mata o corpo se a alma está ausente.
Trair-te, não será ação para um homem,
Que se tornou um deus depois que o adoraste.
Trair-te, coisa atroz que só pode ser praticada
Por um covarde que não tenha conhecido
Tua alma clara e veraz.
Trair-te, não pode ter razão nem direito à vida,
Quem em sã consciência fosse capaz.
Trair-te, eu não poderia, se é na tua lealdade
Que consigo ver motivação para minha insignificante vida.
Trair-te, é para mim algo improvável;
Pois é em tua alma que encontro frescor e ar respirável.
Trair-te, como poderia enterrar um filho vivo,
E uma mãe lactante?
Ou separar a lua dos poetas e dos amantes?
Trair-te, melhor parar com este funesto poema
Já está me faltando oxigênio para continuar,
Apenas com esta conjectura...*

04/10/2006

Só!

*Só, na escuridão do dia está me faltando você...
Estou sem fôlego, fôlego que me dá vida...
Está me faltando você.
Você, meu próprio ser,
Minha imagem no espelho é você,
Minha fantasia, meu êxtase, meu prazer... é você...
Você que não sai de mim, só penso em, você...
Você que sempre está comigo,
Você que sempre me aquece, e me apetece,
Que me envolve em seu calor...sua luz.
Você que sabe o que eu sei...pensa comigo.
É meu amigo que me quer,
É meu amante, que me deixa ser eu...
Reverencio ao meu Deus em oração,
Que me abraça, me acalma que me permite ter você.
Me dá tempo para estar com você.
Você que sempre é meu caminho de volta,
Minha direção certa, você que é meu amor,
Meu amigo, meu amante, o sol que me aquece,
Me queima...me enlouquece...
Você é minha calma,
Meu raciocínio...se você não está,
Me desespero...todos notam que estou triste...
Ou nem me notam...não existo!*

Iranete do Carmo

Chrónos

*O tempo impiedoso não pára e nem olha para o lado,
Com sua viril postura avança intrépido sobre os desejos
Dos homens, que distraídos dormem sobre a cama
Da eterna noite.
Mesmo para aquele que, como eu, nunca dorme,
Não pode escapar da atrocidade do tempo.
Nosso algoz natural, como um deus tirano, tira nossa sorte
No quinhão da vida.*

Brasília, 16/10/2006

Ao Walter

Hoje, eu conheci um homem paralítico que tinha as pernas encolhidas. Um homem de cor, de barbas brancas. Pareceu-me idoso, talvez, não fosse tanto, mas, sua aparência denunciava uns sessenta anos. Mendigava na frente de uma padaria. Aproximei-me dele, para pedir-lhe permissão para tirar-lhe uma foto.

Tenho essa mania, de levar comigo a miséria que encontro nas ruas. Costumo mostrar para meus filhos cenas que eles não conhecem ainda.

Ao conversar com o senhor, disse-lhe que era escritor. Ele logo reagiu. Embora pedisse esmola, pediu-me um livro, disse-me que gostava muito de ler. Num primeiro instante, duvidei que aquele homem excluído socialmente fosse capaz de se interessar por literatura, sobretudo por poesia. Todavia, surpreendeu-me com sua eloquência, ao ler na capa, o título do meu livro, depois com ávido interesse leu na contra-capa minha biografia e me agradeceu a consideração que a ele dediquei. Nunca vi, nem mesmo em alguns doutores, tanta dignidade quanto a que ele demonstrou pelo tratamento que dispensou ao meu livro. Disse-me brevemente de onde vinha e que, desde menino, se apaixonou por livros e por conhecer outros mundos. Viveu desde garoto nas estradas da vida. Contou-me que, em um tempo posterior, ia escrever sua história em um livro.

Não sei se ele conseguirá tal feito. No entanto, eu, com muito respeito, trago-o para o universo imortal dos meus textos. Seja bem-vindo Walter, e muito obrigado...

Brasília 30/10/2006

Fonte

*Se a poesia em mim estancar,
Se a fonte viva parar de jorrar,
Como poderei viver sem respirar?*

*Mesmo andando nas sombras dos versos,
Consigo persistir audaz para alcançar
Um poço, uma cacimba que possa refrescar-me
Da aridez que a falta da poesia traz.*

Brasília 03/10/2006

A natureza

Lua clara
Lindo luar
Esperta-me o sono
De tanto te olhar.
Lua meia-taça
Lua crescente e ao contrário nova
A inovar.
Lua cheia...Lua gorda
Escancarada a iluminar...
E os amantes na calçada a te endeusar...
Lua minguante, esvaziando cansada a se apagar.
Chega o sol
Quente e dourado
Com seus fios de ouro a brilhar.
Sustentar a vida e bonito ser,
Coisa complicada de se entender...
De repente, vêm as nuvens,
Sua aura a esconder
A chuva lava seus raios,
Que com trovões, traz preocupação e medo.
Um arco-íris é formado:
Pára a chuva,
Pára tudo,
Ele deixa o céu encantado.
E com os pés molhados
A chutar as poças d'água
Sinto o cheiro...
O perfume da terra molhada...

Iranete do Carmo 13/10/2006

Aos teus olhos

*Aos teus olhos sou amante
Aos teus olhos sou perfeito
Tudo que faço é direito.*

*Aos teus olhos sou eterno,
Um homem, um anjo azul,
Um ser de outro universo.
Aos teus olhos tenho asas
Aos teus olhos sou poeta
Aos teus olhos faço verso.*

*Sou de prata, pedra e ouro,
Aos teus olhos sou tesouro.
Precioso mandamento,
Servir sempre aos teus olhos
Meu amor em cumprimento.
Aos teus olhos, queres ter
Minha alma com fervor.*

*Sou teu manto cor de púrpura,
Tenho a alma e a ternura
Pra teus sonhos conceber.
Aos teus olhos minha vida
Não tem pressa, controvérsia
Da razão, natureza falta
Imensa que não pensa
Perfeição.*

Brasília, 15/12/2006

Miséria, bendita miséria

Miséria, bendita miséria.
Como as trevas,
Fazes os homens
Almejarem a luz.

Miséria, bendita miséria.
Tu fazes sonhar
As almas mais
Incapazes de realizar.

Miséria, bendita miséria.
Eu não seria rico
Se não tivesse
Vivido nas
Tuas entranhas.

Miséria, bendita miséria.
És mais afortunada
Do que a abastança.

Miséria, bendita miséria.
Só em ti há de sobra
A desesperança.
Miséria, bendita miséria...

Brasília 09/12/2006

Mulheres

*Mulheres, já tive muitas,
Só com algumas me deitei,
Algumas tive de fato,
Com uma me completei.
As outras eram frutas nobres,
Maduras e doces, só de olhar,
Me fartei.*

Brasília 01/12/2006

Psicologia do humano

*Se tivesse uma forma de falar
que pudesse ser fiel, eu a usaria.
todavia, só conheço símbolos,
e símbolos mentem,
são apenas palavras
e não dizem o que sentem.
As nossas vibrações nervosas,
que produzem as nossas intenções,
podem ser confusas, pois são elas
produzidas sobre um fenômeno psíquico
interno, que reagem a uma força externa variável.
Nosso sangue se agita sobre pressão,
então agimos como loucos,
quando loucos não somos.
Quer saber quem é o homem?
exponha-o a uma força nova,
a um perigo incomum.
Por isso, muitos desconhecem
a origem de um fato
quando este vem à tona,
como um crime, por exemplo.
Se pensamos sobre um assunto por vários dias,
talvez possamos mesmo dominar o estresse,
porque já teríamos nos habituado ao problema.
E, uma vez chegada a hora de resolvê-lo,
saberemos como nos comportar.
Alguns não conseguem este mesmo
sucesso por que não digerem as pressões
antes da ação propriamente dita.*

Brasília 12/2006

Musa espiritual

*Na sombra do teu corpo eu quero descansar,
Sentir a brisa calma que brota do teu mar.*

*Viver por um instante a vida sem pensar,
Que a eternidade é nada e o tempo vai passar.*

*Teu cheiro me entorpece, meus pés não saem do chão,
Tropeço entre os braços que abraçam o coração.
Na minha aflição, não sei se tenho sorte, ou isso é maldição?*

Extasiei-me com o afago que vi no teu olhar,

*Não tive mais desculpa para não te procurar.
Não vivo se não vives, não quero respirar,*

*Você será culpada se eu não me levantar,
Se não der mais um passo em busca de acordar,
Este sonho me persegue por onde tento caminhar.*

*Onde quer que procure uma razão sem razão você está,
Em todos os cantos do meu mundo, nos meus sonhos de felicidade
e de liberdade de sonhar.*

*Antes não parecias real, agora não, vejo enfim que não és de gelo,
nem de mármore, como os deuses do Olimpo.*

Será que sempre existiu?

Ou era eu que não podia te enxergar?

Como sou infinitamente revoltado com a minha miopia espiritual!

29/09/2006

A visão do mar

*Vejo o mar azul, a praia deserta,
Um vento soprar vindo do sul.
É tarde e o sol já está crepusculando o dia,
As ondas altas anunciam uma tempestade,
E eu ando com os pés descalços.
A areia morna aquece minha alma
Que aturdida vaga em outros mares,
Por outras praias que imagino,
Que penso um dia te encontrar.
Na vista comum de um selvagem
O mar é um refúgio, um ambiente de paz,
Para mim o mar é um abismo.
Os dias são cárceres eternos,
As noites oásis de terno frescor.*

Brasília, 17/12/2006

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento

*Não tive a sorte de lhe dar a luz para vir ao mundo,
Nem tive o prazer de lhe acariciar a face,
Não conheci sua exuberante força,
Não pude ver seu maduro jeito audaz.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento...

*Nem tive o dom para lhe conceber,
Não tive a força para lhe trazer,
Não tive um argumento lógico,
Nem pude ter, ao meu lado a voz.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento...

*Morreu mais cedo que morre o poeta,
Não disparou como um punhal a seta,
Ficou calado no âmago do peito,
Foi mais veraz do que o meu raro efeito.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento...

*Fui incapaz de o compreender,
Deixei-o fugir da minha inspiração,
Fui descuidado com seu parecer,
Perdi no tempo a sua razão.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento...

*Em uma noite quente eu esqueci de ver,
Uma brisa lá fora que veio saber,
Se na minha vida havia um lugar
Para um delinqüente eu agasalhar.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento...

*Numa noite fria que chovia tanto,
Eu dormi muito cedo, me encobri com o manto,
Tava muito escuro e eu tive pavor
De abrir os olhos, pra não sentir dor.*

Ao poema que não escrevi, deixo meu lamento....

Brasília 18/12/2006

Dores de parto (culpada)

*Fui feita da tua costela,
Meu corpo surgiu de ti,
As dores de parto eternas,
Para mim, foi só para saber,
Que teria que suportar
As maiores covardias,
Advindas da tua vaidade
Do teu ego malévolos,
Da supremacia,
De tuas vontades
Que eu teria que realizar,
Satisfazer teus mais estranhos desejos...
Como se isso não fosse o fim
Ainda pediste a Deus que me desse
Um filho ruim.
Dei à luz em trevas densas,
Sem penhor sem recompensas,
Para magnificar o estado da consciência,
Para santificar os homens
Que não usam a sapiência.
Vivo para dar prazer,
Não me importam as desavenças,
Foi me tirado o quinhão
Da terra da persistência.
Tive que me acostumar
Com um padecer dorido,
Nas costas carrego a culpa
Do paraíso perdido.*

Brasília 18/12/2006

Amizade

*Amizade estelar, é algo que não se explica,
Eu, porém, digo que já dominei este enigma.
Sou um ser de alma livre, não possuo cor nem partido,
Me é caro todo ser que respira neste mundo.*

*Amigo faço com verso, amores não quero em vão...
Distribuo sem parcimônia para não ser repreendido.
Aposto sempre na cura, não sou crente nem cristão,
Tenho um espírito inquieto repleto de confusão.*

*Achego-me nas montanhas, para alçar sem direção,
Voando ao encontro do vento, com tempo de não chegar,
Disparo uma flecha acesa com o fogo do coração,
Para ferir-te de morte com sorte terei razão,
Te encontrarei no alto, por cima da escuridão.*

*Amigo tu não tem sexo, amigo não tem paixão,
Amigo ama somente, só sente no peito emoção.*

*Amigo dividirei as quimeras do meu ser,
A minha fonte abundante de ser poeta e fazer,
Poesia como esta sem rima sem pretensão
Só pra dizer poucas coisas, sem nexos sem presunção.*

20/12/2006.

Crepúsculo

*No crepúsculo do dia
Minha alma arde em chamas,
É ao anoitecer
Que meu corpo estremece,
Todo meu ser fenece,
De tua vida carece,
Para de novo existir.
E na escuridão
Encontro-me a te chamar,
Não há vida em minha volta,
Nem a volta ao mundo dar,
Está parada a roda do tempo,
Porque meu intento é te achar...
Há que esperar uma eternidade,
Para que por tua vontade
O universo venha cá,
Trazer-me um sol perene
Para que meu ser que treme,
Encontre a calma de esperar.*

Brasília 21/12/2006

O João-de-barro

Entre os pássaros brasileiros há uma lenda que impressiona pela sua complexidade psicológica. Segundo esta lenda, (que chega a ter cunho social e moral para os homens, como se fosse literatura universal) o joão-de-barro, é um pássaro conhecido pelo ofício de construtor, para o qual possui uma perícia incomum. A ave edifica com argila, transportada em seu próprio bico, uma espetacular moradia, quase uma fortaleza, e sempre com um cuidado paternal para não deixar sua prole à mercê da chuva e do vento. Por isso, faz sua casa posicionada ao contrário dos perigos naturais.

Todavia, este estupendo ser da floresta tropical, com uma inteligência que causa espanto aos homens, no que diz respeito a ser um bom provedor familiar, não foi livrado da covardia conjugal. Talvez seja pelo fato dele ser tão dedicado em prover as coisas físicas e, com isso, ter negligenciado seus deveres de marido, que sua parceira escolhe outro da mesma espécie; entretanto, com menos nobreza e menos empenho em adquirir coisas materiais. E, a despeito do amor altruísta que recebe de seu parceiro original, que a protege e a ama de modo tão sublime, o trai covardemente. Será mesmo instinto esse proceder, simplesmente para perpetuar a espécie? Ou será que há algo de humano, de racional nesse fenômeno, nesse adultério natural, nessa incomum história?

Uma vez evidente a traição, depois de consumada a má conduta da companheira, o macho traído toma uma posição viril e, com uma energia desproporcional, transporta em breve tempo uma montanha de barro e veda a porta daquela que seria sua moradia de toda vida, ou de alguns invernos. Há, portanto, requintes de crueldade nessa ação, nessa atitude grotesca justificada pela lei de Deus e dos homens. O crime em defesa da honra. Enquanto lá dentro, sob o aconchego do lar usurpado, os amantes não percebem sua vil sina, e lá ficam a se amarem até a morte por asfíxia. E a casa que havia

sido construída para um nobre fim tem um final trágico, como trágico é o amor...

Há, ao meu ver, um paralelo entre os homens e os pássaros. Shakespeare que nos diga, com seus dramas quase mitológicos, num dos quais, Otelo mata sua amada por ciúme atroz, tornando-se arquétipo de justiceiro pela honra. Todavia, para a massa, para os homens simples que nem sabem ler, qual mito tem mais influência? Shakespeare ou o João-de-barro?

Brasília 21/12/2006.

Crivo

*Um ato por traz de um fato,
Amor, uma forma, um retrato.
Ativo está o meu crivo,
Que com um empenho vivo,
Como um crisol a fundir
Do chumbo forjando a prata,
Do barro meu ouro antigo,
Das sombras a luz a trazer,
Descanso não é descaso,
Só caso com minha dor.
Perdido à beira da estrada,
De dia vejo terror.
As curvas da vida esfriam,
A pressa que me acordou.
Se quero sentir a chuva,
Pro céu eu peço calor.
Escuto a música celeste
No agreste do vil cantor.
À noite o medo não chega,
Não durmo enquanto há fervor.
Pois meu sofrimento etéreo,
É um êxtase de maior valor.
Se canso, os passos aperto,
De certo sei onde estou.
Subindo no cimo alto,
No cume planto uma flor.
Espinhos nascem nas trevas,
A luz cresce em meu torpor.*

Brasília 22/12/2006

O ciúme

O ciúme fere e mata
Às vezes cega
E maltrata.
Tudo é perdido
Num só instante,
Vai embora
A luz amante.
Ciúme é vil,
Fera feroz,
O amor não pode
Perder a voz.
Quero ter tudo,
Ter teu favor,
Na tua calma
Esconder a dor.
Se tive pouco,
Não foi por mim,
Sempre te dei
Amor sem fim.
Ciúme não,
Fuja ao seu tento,
Não queira estar
Na mão do vento.
Ciúme é mal,
Veneno ruim,
Destrói a alma
Como festim.
Chega de mágoa,
Basta de dor,
Volte o sossego
E o teu calor.

Esperança

*Esperança, a magia que nos guia,
A luz que irradia com viril fulgor.
Esperamos sempre do amanhã,
A sorte que o ontem nos faltou.*

*Esperança, como um arco-íris,
Como uma ponte entre o amargo e o mel,
Um estado de intenso querer,
Que nos arrebatava para sempre crer.*

*Esperança um sol que aquece,
Que nos faz perene no afã de crescer.
Espero com veraz desejo, outra vez nascer.
Esperança, quem não tem, vivo não pode ser...*

*Vivo ainda estou, à esperar...
Quem espera é porque nunca alcançou...
Por isso vivo quero estar,
Quando alcançar o teu amor!*

Brasília 26/12/2006

Morte

*Morte, por que perguntamos?
Morte, o fim de quem não viveu,
Morte, descuido de Deus, do homem,
Morte, a vida que faleceu...*

*Morte há sempre quem queira muito,
Morte, pra se libertar,
Morte, já anda cansada,
Morte, da vida enfim carregar...*

*Morte, o medo a nos espreitar,
Morte, a sorte de um dia ruim,
Morte, perdido por ti procuro,
Morte, o escuro pra me camuflar...*

*Morte, destino de mal-herança,
Morte, maduro não quer levar,
Morte, nos leva a esperança,
Morte, criança no meu versejar...*

Brasília 26/12/2006

A virtude do sofrer

*No dorso do sofrimento
Eu consegui me livrar,
Das dores da vida simples
Que não pude ver passar.
Sofrendo se vence a dor,
E o medo do penar.
Quem não pode com o sofrer,
Também não pode sossegar,
É na dor que temos calma,
Nosso estado mais veraz.
Se quisermos chegar logo
Num estado da razão,
É preciso ser mais forte
Que as dores do coração.
Nem toda dor dói demais,
Nem sempre é coisa ruim,
Há dores que são tão doces,
Como doce é o seu fim.
Quem deseja nesse mundo
Alcançar a perfeição,
Poderá chegar bem rápido
Na costa da aflição,
Já ouvi muitos dizerem
Que a dor machuca a alma,
Mas mudaram seu pensar
Quando viram suas caras,
Com os olhos calmos e límpidos,
Dos defeitos que arranjaram.*

“É a dor o animal mais veloz que nos leva à perfeição”

Amizade estelar

*Flor de luz celestial,
Floresceste sutilmente,
Em meio ao meu cálido deserto existencial.*

*Amo-te!
Que mais poderia dizer na língua dos homens?*

Todavia, na língua dos anjos te direi:

*Os céus providenciarão nosso encontro,
Mesmo nas estrelas te amarei.*

*Nossa amizade estelar, na terra, talvez não floresça,
Nem dê os frutos de um amor sublime.
Porém, no paraíso dos espíritos amantes,
Nossos corpos eternos se fundirão em um êxtase final,
Para produzir a mais bela estrela, que jamais imaginou
O ser supremo, tal luz de esplendor fulgurante.*

*Surgirá então um novo universo,
Onde todos os amores serão possíveis.
Onde não haverá mais o cárcere físico,
Nem os valores hereditários dos homens
Que não se abstêm da vida, para amarem e viverem
Na morte, um verdadeiro amor.*

Efêmera fonte

*Fazer poesia por vício ou ofício,
Não importa.
Até mesmo os poetas místicos têm valor singular,
Mesmo quando dão vida às pedras e às águas,
Que mesmo mortas correm em seu leito fúnebre.
Ninguém que beber dessa fonte terá sede outra vez.
Mesmo aquelas criaturas que dormem,
Sobre a cama do anonimato, despertarão um dia
Para respirar um ar puro que produz vida em plenitude.
A chama ardente queimará o coração álgido dos espíritos brutos
Que tiverem apenas um contato com a flama chamejante da poesia.*

*Sinto-me um tanto sazonado, não compreendi essa quimera, esse
pueril descuido da minha alma poética, deslumbrada com a glória
que me dá a poesia.*

Brasília 16/10/2006

Pueril engano

*Enganei-me contigo,
Como uma criança enganada é,
Pensando que eras tu, a parte
Sadia que a minha alma havia perdido,
Num lugar esquecido do meu mal viver.*

*Tens a alma pura
Que a minha alma impura
A tua alma quer,
Quer turvar teu véu,
Para que tu te esqueças
Que fostes feita santa,
Para ser para mim uma frágil mulher...*

*Tua alma é casta, meu desejo é fel,
Eu vivo na terra tu vives no céu.
Eu tenho nas veias sangue de animal
Tu só tens os olhos e os lábios de mel.*

*Como rara flor, tu foste plantada
Para dar perfume, sem sair do pé.
Não és deste mundo de pueril engano,
Não serás de mim, nem de algum fulano,
Como um violino célico,
És de todo mundo para ser só vista,
Não pra ser tocada por qualquer artista.*

Brasília 16/102006

Aflicção ingente

*Por onde andas, espírito robusto da filosofia?
O que houve contigo?
Por que somes quando eu mais preciso da tua exuberante
Presunção?
Vê se volta quanto mais rápido...*

*Eu não suporto mais este espírito velho e débil de poeta triste,
Com sua ladainha amorosa, parece-me uma donzela
Que não encontrou um varão que lhe tirasse
A virgindade, e desse-lhe um filho bastardo pra criar sozinha.
É isso que almeja a alma do poeta: consolar os solitários,
E distrair os vagabundos.*

Extasiar

Depois de uma pausa angustiante, voltou a mim o fôlego de vida que tive outrora.

Mais uma vez escrevo com a firmeza dos grandes espíritos que me iniciaram neste ofício nobre do pensar.

Estou sazonado! Não creio que seja só pelas centenas de livros que li; é evidente que tudo isso é importante para se compor um vocabulário audível.

Todavia, não posso menosprezar o dom divino que recebi pela capacidade de observação, e pela eloqüência que aprendi escutando a voz do vento; uma voz afável que me diz coisas magníficas que devo reproduzir na língua dos homens.

Hoje tenho pouco a dizer, só que estou embevecido com o que consegui produzir entre um café e outro.

Brasília 27/10/2006

Assim eu vivo

*Distante de ti eu vivo a sorrir,
Tu não me fazes falta.
Da dor me curei, te esqueci.
Já vão longe os dias
Em que eu te chamei,
Para ser o meu tudo
Hoje meu nada.
E não te encontrei.
Saudade não sinto
Perdi a razão,
De viver por você
A procura de um não.*

*Alegro-me tanto com a falta
Quanto com a fatura.
Sou feliz e sou triste,
E assim como o dia; a noite
Necessário é, para trazer
Equilíbrio pra firmar o meu pé.
E quanto mais só
Mais forte sou,
Para fazer do meu pranto
Uma tese da dor.
A cada queda mais força adquiro,
É bom ver do chão a beleza do céu.
Um pouco de amargura,
Um pouco de riso,
Um dia no inferno,
Outro no paraíso.*

Um alento para os miseráveis

*Meu hábito constante
É viver em busca do nada,
Todos os dias saio à procura
De uma visão noturna,
Mas é só a luz do sol que vejo.
Não há mistério no dia-a-dia.
E como louco às vezes insisto
Para que me mostrem uma novidade,
Todavia, não sabem os homens o que lhes peço.
Eu, como louco que sou
Declaro publicamente as novidades do meu espírito,
Para que eles recebam e enriqueçam sua vulgar existência.
Os homens correm em busca das mesmas coisas,
E nessa ávida luta se matam por um bem perecível.
É sempre o dinheiro seu quinhão maior na vida breve.
Se esquecem que não levarão um níquel sequer de suas fortunas.
Ofereço-vos meu dom maior, a minha poesia, recheada de filosofia
Para vos dar um pouco de alento para suas vidas miseráveis.*

Brasília 23/10/2006

Dialogo incompleto

Alma carente têm os poetas!

Disse-me certa vez, outro poeta.

Perguntei por que carga d'água dizia isso da sua própria raça.

Ele me falou:

-Não há paixão que sacie a alma de um poeta, ele não se contenta com o prazer comum. Todos os dias busca uma nova paixão para suportar as antigas. E nessa busca inconstante não se satisfaz com o que tem.

-Mas isso é comum entre todos os homens. Disse eu para ele com um ar de ciúme.

Ele riu da minha inocência e falou-me:

-Ê amigo! Não queres que duvidem da tua iniciação, certo?

-Claro que não! Poeta eu sou desde que nasci, só não compreendi a fundo essa matéria.

-Então responda-me com sinceridade! – É ou não verdade, que tu viajas a cada dia por mundos insólitos em busca de uma nova inspiração para compores tua obra? E quando não encontras novidades no sombrio mundo da poesia, não cai sobre ti uma nuvem parda e uma profunda contrição?

-Acredito que possa ser verdade! Todavia, talvez, eu não tenha ainda a madureza dos velhos poetas tristes como tu tens.

Ele riu de mim mais uma vez e disse-me:

-Tudo bem jovem poeta, eu vou de fato, fingir que acredito que tu não saibas do que eu falo.

Brasília 23/10/2006

Um homem vergel

*Imaginem um homem como um vergel,
De peito aberto, com uma alma livre,
Totalmente volátil,
Tendo o vento como leme,
Disposto a qualquer caminho
A qualquer jornada
Nem a chuva, nem o sol
Causar-lhe intempéries.
Um bravo guerreiro,
Vencedor dos desafios da distancia,
Imerso numa bravura audaz,
Capaz de ir de um lado a outro
Do universo imaginável,
Um espírito onipresente,
Dono de uma loucura consciente,
Com o dom de destruir
E de edificar com a mesma
Nobreza voraz.
É esse homem-natureza
Que nós erroneamente
Chamamos de Deus?*

Brasília 23/10/2006

Minha postura à metafísica

*Nunca me arrastei, nem me curvei
Diante dos poderosos.
Eu ando um tanto mal com os deuses
Não lhes dou a honra que “merecem”
Nem tão pouco minha adoração;
Prefiro tremer ante os fenômenos
Da natureza, a ter que adorar ídolos
E continuar assombrado.*

Meu humor

Não sei de onde vem este humor maligno
Esta confusão mental que me assalta a paz
De forma tão violenta.
Ao mesmo tempo em que me sinto bem,
Em uma tranqüilidade serena,
Num estado de conformismo perene;
Em dois minutos, já sinto uma profunda
Depressão, uma insatisfação existencial.
é algo assustador para mim; imagino para as pessoas
Com as quais convivo diariamente.
Já li que esta alteração de humor pode me levar
Para um desfecho psicótico, a uma patologia psíquica.
Penso que isso se deve ao fato de que eu, como poeta, talvez
Possa ter uma personalidade hipersensível e, portanto,
Os nervos à flor da pele.
Pode ser que haja um quê de verdade
Nessa tese. Todavia, não aceito que isso possa ser desculpa
Para minha infinita confusão emocional.
Deve haver outro fator até mais
Importante para explicar meu humor vulnerável.
Tenho cometido muitas injustiças
Por conta de meu comportamento,
E para ser sincero comigo mesmo,
Devo assumir que beiro a linha da loucura, caminho sobre
Uma linha tênue que pode romper a qualquer momento.
É preciso investigar a fundo a origem deste meu modo
Violento de mudar de personalidade.
Às vezes penso que já vivi o necessário,
E que nada mais pode me trazer um estado de felicidade completa,

*Ou mesmo um êxtase incomum.
Disse um filósofo que todo homem é dominado por uma paixão.
Eu, porém, devo admitir que não encontrei
Ainda nada que pudesse me dominar;
Exceto o meu próprio humor. Será ele a minha paixão?*

Brasília 27/10/2006

Uma boa morte

Ao organizar nesse livro os meus poemas, deixo para quem tiver a generosidade de ler, um pouco dos meus conflitos em forma de poesia. Entre os que lerem, nem todos sofrerão os mesmos sentimentos, alguns podem sentir melancolia, outro tristeza, e outro alegria. São as lágrimas do meu sofrer juntas com as flores do meu viver, o riso que abafei, o choro que não segurei. Tudo estará aqui limpo, desnudo aos olhos dos meus leitores.

A alma inquieta, o homem inconstante. Um gênio impassível, um espírito abatido, às vezes robusto, mas nunca hesitante. Todas as confusões emocionais, eu, de forma clara, expus sem medo de agradar ou de magoar alguém. Disse para mim mesmo coisas que sempre quis encontrar alguém que tivesse coragem de me falar. Peço desculpas se magoei, sobretudo os meus entes queridos. Aos filhos, perdão eu suplico, pois sei que não fui tudo o que eles esperavam de mim. Para todos que me suportam, um abraço de gratidão. Haverá um ou dois que sentirão saudades minhas; outros, e nesse caso a maioria, alívio.

Nunca pensei ser unânime entre os com quem convivi; nos olhos de muitos vi a inveja, o despeito mórbido por me terem no mesmo rebanho. Todavia, quero também dizer, e isso com toda força moral que me resta, que, para praticar a política da boa vizinhança, eu tive que engolir muitos sapos, não raro, de seres nanicos que se me apresentavam como nobres líderes, quando, na verdade, deveriam ser mordomos.

Todavia, alguém pode perguntar, enquanto vivo, por que razão este prenúncio de morte, esta despedida? Então, eu já respondo: Sei o quanto efêmera é a vida, e que muitos homens, mesmo entre os mais sábios, não aceitaram esta sombria realidade. Eu há muito me preparo para ter uma boa morte, seguindo o conselho de um

grande sábio, que não se preparou, mas ensinou que depois de vivermos as coisas mais importantes, depois de conquistarmos pelo menos parte dos nossos anseios, é preciso planejar a nossa partida para a inexistência.

O que seria uma boa morte? Não se trata de resolver as questões de cunho emocional-parentesco. Digo que é preciso se contentar com o pouco, ou com o nada que temos, encarar a morte como encaramos a vida ao descobirmos que era preciso viver e lutar pela sobrevivência.

A morte é muito mais suave que a vida; não teremos a luta árdua de cada dia por uma porção de água e pão. Significa isso que nada temos que levar. Nem bolsa nem alforje, apenas a cara e a coragem, para não agirmos como Sócrates que, assombrado ao pegar o trem fantasma da morte, pediu clemências aos deuses do Olimpo e mandou que lhe pagassem uma dívida de jogo.

Eu acrescento a isso o fato de que até grandes filósofos tinham a mesma dúvida que têm os inocentes nesse aspecto da morte, e o que pode existir no abismo da inexistência não está claro para ninguém, ou se está, é para poucos. Para mim, existe uma certeza simples: não haverá trabalho nem ansiedade no além-túmulo. E o que devo fazer, preciso fazer hoje, pois não terei outra chance. Portanto, faço hoje o que tenho que fazer, por isso escrevo minha autobiografia para que outro não me trate com desrespeito, a julgar por minha idiossincrasia e não por meu modo real de ver as coisas. Pois o temperamento de um homem é forjado pelas convenções e não por sua alma distinta, única, que habita dentro de si, e que não vive para que todos possam ver claramente. Geralmente é no fim da vida que vem à tona a real personalidade, sobretudo dos artistas que não conseguem ser libertos na tenra idade.

A todos que ficam por mais um pouco, um forte abraço.

Brasília 27/10/2006

Nada sei que um tolo não saiba

*O tédio pode ser normal, pode ser doença;
Pra suprir n'alma o dom da consciência.
É preciso calma pra encontra o norte,
Não se vai tão longe sem ter braço forte.
Caminhei por terras de difícil acesso,
Só abri passagem para ter meu regresso.
Na minha partida eu parti sozinho,
Mas para retornar encontrei vizinho.
Num tempo apertado eu faço crescer,
Na angústia a mágoa para bem viver.
Ando distraído mesmo no inverno,
Sou triste no céu e feliz no inferno.
Nunca me descuido de um olho alheio,
Sei que sou deveras como um monstro feio.
Mas vivo contente com o meu andar,
Até quando não tenho por onde passar.
Com o passar dos anos foi que descobri,
Que não foram tantos os anos que vivi.
Ainda sei pouco das razões do mundo,
Não posso dizer que sou tão profundo.
Sei de algumas coisas que o tolo sabe,
Que a terra gira, e que o mar invade.
Que o sol castiga e que o homem morre,
Mas ainda não sei onde o vento corre.
Venho de um lugar que não sei o nome,
Dizem que sou triste, que a dor me consome.
Também sei sorrir se houver motivo,
Mas não sei fingir nem de improviso.
Agora, vejo tudo de cima do alto,
As nuvens dissiparam, aguicei meu tato.
Se chover eu fico onde estou,*

Para sentir o frio queimar meu calor.

O que revelam os olhos

Nos olhos de quem amamos quase sempre vemos só o que nos interessa! No entanto, costumam dizer as pessoas que apaixonadas são, e se são apaixonadas logo não podem enxergar algo que está além dos olhos, que, os olhos revelam a alma da pessoa, concordam com isso também alguns freudianos. Eu rio muito dessa afirmação obtusa.

Os olhos não revelam nada, além do sentimento momentâneo. Só as reações provisórias que são como memória temporária, e muitos dos que acreditam nessa estupidez psicológica não sabem explicar como os humanos podem ser tão hábeis no artifício do engano. Como pode, se tudo está escrito nos olhos?

Os olhos, como porta da alma, poderiam ser menos sinuosos, mais transparentes. Eu, pelo pouco que vivi, penso que não há uma maneira segura de planejar as reações dos humanos. Há, portanto, quem diga que eles são muito previsíveis; eu discordo. Mesmo Schopenhauer costumava afirmar que tinha base para determinar como agiria um homem, desde que fosse exposto à uma situação similar a que outro tenha sido, para então concordar que ambos agiriam do mesmo modo a uma mesma situação. Só há um modo de saber a reação de uma pessoa: se ela já tiver sido vítima de um incidente fortuito, conseqüentemente agirá da mesma forma. Fora isso, digo que para uma situação distinta, única, incomum, não se pode prever o resultado psicológico de ninguém.

Mulher

*Não há criação que se assemelhe a ti, mulher,
Deuses e anjos não podem superar a tua beleza.
Os maiores delírios do Olimpo não passam perto de ti,
Da invenção perfeita que deram o nome de costela de homem.
Tudo é quimera, obra insalubre, refugio coisa sem valor,
Quando te contrapõe..
É inútil o avanço da ciência para te superar,
E nós, os seres inferiores, fomos deveras logrados,
Por uma idéia de supremacia natural.
Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?
És a mãe de todos que respiram, por isso,
Chamam Deus de mãe natureza.
Se tivesse que adorar um deus, ou um mortal,
Anjo ou qualquer criatura,
Não perderia tempo em adorar a criação
Adorar-te-ia senhora criadora,
Forjadora do maior milagre de que se tem notícia,
Dona e protetora da vida. Mulher.....*

Brasília 03/01/2007

Quero o caos

Vivo o caos, aprecio a discórdia,
Sou demasiado amante da tragédia.
A vida não faz sentido, só na morte se atinge
O ápice, a conclusão de uma obra feita.
Só somos alguém na morte, admirado, respeitado,
Pois ninguém se arrisca em blasfemar contra
O espírito de um poeta morto.
Quisera existisse mesmo alguma coisa além do túmulo.
Para vermos de lá as pessoas falsas acariciando-nos a face,
Com um disfarce invisível aos vivos,
Que é a hipocrisia dos mortais.

Brasília 12/02/2007

Não há amor à primeira vista

*Há quem diga que o amor não se domina
Que amamos por acaso um coração.
Aos que crêem nessa vã filosofia,
Deixo um adendo com cara de refrão*

*Escolhemos com astúcia e garantia
Para quem desejamos na paixão,
Entregar a nossa vida, um quinhão,
Não foi fácil para mim esta missão.*

*“Sou incrédulo como um bom poeta nato”,
Nem retrato me garante uma feição.
Sei que homens fingem bem por essa vida
“E no amor coisa rara é devoção”.*

Sorriso, espelho da alma

*Um espelho revela muitas faces.
Para um bom observador,
Não é só um olhar triste que diz sobre uma alma que sofre,
É no sorriso que o espírito humano desnuda-se por completo.
Dizem até, que os tristes não costumam sorrir,
Eu vejo por outro ângulo.
Quem rir à toa, procura esconder uma mágoa antiga.
É mais fácil sorrir do que chorar.
Só são capazes de mostrar seu pranto
Aqueles que já colheram da vida toda sorte de acalanto.
Portanto, não é só o espelho que revela a alma,
Melhor observar o poder mágico de um sorriso...*

Ciúmes

*Esta febre maligna que me assola
Com a força voraz de um deus ruim
Sinto frio e calor na mesma hora
Como a peste que dá para destruir.
Sou refém das intrigas da maldade
A fealdade se deitou por sobre mim
Um espírito mundano me afronta
A zombar do meu mal fadado fim.
Os meus ossos se desmancham sob o vento
Sem alento não consigo prosseguir,
Fui ferido por um triste sentimento,
O maldito ciúme fez morada bem aqui.*

Dorme minha amada

*É noite, e perto de mim dorme a minha amada.
Eu, à distância de mil pensamentos, tento ouvir seu rressonar.
Será que ela sonha?
Será que quando acordar se lembrará que vivo estou?
A minha amada tem os olhos azuis da cor da saudade,
Suas mãos são finas, macias como lã de algodão.
Ela tem um corpo esculpido no mármore da perfeição.
Minha amada, quando sorri, ilumina a noite da minha solidão.
Mas, a minha amada dorme, minha amada não sabe que morro aqui,
Acordado, tentando dormir também para lhe encontrar.
Oh, se ela pudesse me ouvir, oh, se ela pudesse vir aqui.
Minha amada não respira o mesmo ar daqui
Onde estou não posso chegar até ela, a não ser em pensamento.
Nossa cama parece um imenso oceano, e eu só tenho as mãos para
lhe abraçar.
Tudo que eu queria nessa vida era que ela pudesse ouvir meus
pensamentos
Para que ela soubesse o quanto a desejo.
Oh, quem dera que ela um dia desses me acordasse com um beijo.
Mas minha amada dorme, enquanto eu escrevo e a vejo...*

Estou prenhe

*O pôr-do-sol, uma luz flamejante desce sobre o meu horizonte
Dentro de mim há um inalcançável deserto.
Perdi em algum lugar, o que os homens chamam de paz.
Meu eterno buscar me veio com mais força que antes
Como um vulcão que dormira por milênios,
É assim que ruge no fundo d'alma meu espírito inconstante,
Às vezes penso que algo muito grande vai sair de dentro de mim.
Não pode ser outro poema, nem pode ser um livro novo,
O que esperneia no meu ventre é algo assustador.
Mesmo para quem está acostumado a dar à luz filhos estranhos,
Mesmo para um espírito criador esta sensação é deveras incomum.
Um período longo de gravidez produziu em mim
Ou alimentou dentro de mim um ser bizarro.*

Amor Recíproco

*Posso roubar a tua alma
Absorver teu espírito
Me embriagar na tua essência leve
Mais nunca tocarei teu corpo
Sem tua permissão,
Antes que tenhas por mim
Paixão e desejo ardente.
Não concebo o amor físico
Sem ser recíproco.*

O brilho do sol

*O brilho dos teus olhos ao me fitar
Apagou a luz do sol
Então me vi em densas trevas
Em profunda escuridão.
Em trevas viverei
Até que, em outra vida,
Em outro encontro,
Devolva-me a luz dos olhos meus.
Tornei-me errante
Sem pátria
Sem porto
Sem descanso
Nada vejo
Nem alcanço a direção
Cego, persigo,
Apenas a tua voz suprema
Que diz
Como quem brinca de esconder
Tá frio!
Tá quente!
Como um demente
Sigo atrás do não
Como se fosse um sim.*

Alma pequena

*Um grande amor, vivê-lo,
ou matá-lo?
a alma humana não pode conceber
Algo maior que ela própria,
portanto, tudo o que é maior que ela deve morrer.
Eis aí a parte superior do ser humano.*

Da lealdade

*Quem de fato é leal?
sou leal ao meu desejo,
não importa o gosto alheio
meu gosto não se altera,
e, no que tange ao amor próprio
só tenho o meu próprio amor.*

Dos seres humanos

Os humanos são corteses com seus pares

*Todavia são dispares com os demais
Ser humano, no entanto não diz nada,*

*Todos os homens vivem atrás de uma razão
Que os faça entender o mal profundo
Que no mundo praticaram aos seus irmãos*

Dos grandes homens

*Como são pequenos os grandes homens,
basta-lhes uma voz doce*

*De um corpo jovem, para que eles se
tornem tolos meninos*

Sou a sombra do medo

*Eu sou a sombra que corre atrás do medo
Meu segredo é viver perto de mim.*

*Não há tempo que possa ser presente
Minha mente cruzou a luz do fim.*

*Aos que por ventura, não souberam me achar
Eu indico o caminho à redenção,
Olhe o vento que sopra nas montanhas,
Pense alto e ouvirá uma canção,
A sonata de um velho argonauta
Que saiu do mar para prisão.*

*Eu persisto em remar contra a maré
E sem fé só repito a oração,
Como homem não sei língua de santo,
Nem um manto vesti na escuridão.*

*Tenho as pernas e corpo calejado
Sou fadado como os mansos à morte certa
Nem poeta salvaria esta nação
A não ser os mortos que viveram
Para morrer sob o jugo da razão.*

Tudo tem um fim... (uma metáfora)

*A termo, por certo, tudo chegará um dia.
O sol que nasce vibrante, pra lua enfim clarear.
O vento que baila que canta e assobia.*

*A noite febril dos alucinados que parte aos primeiros raios da manhã.
A primavera imponente de cores mil, o outono árido e sombrio,
O inverno que aquece os corações amantes.
O amor eterno dos que amam sem limite,
Tudo nessa vida é passageiro,
E não se sabe ao certo para onde vão tantos caminhos.*

*Entram dias e saem dias, e nada altera o poder do dinheiro,
Os homens buscam a todo custo a fama,
Em vão querem perpetuar suas glórias,
Todavia, até as glórias são fugazes...*

Caminho do vento

*Descobri o caminho do vento
Sei onde passa suas horas de folga
Onde deita seu corpo enfadonho e sedento,
Vi-o se distraindo com o passar do tempo.*

*Nos seus dias de tédio afogando as mágoas
Em atroz sofrimento, reclamando a sorte
Perdido em eterno lamento.*

*É, eu vi o espírito do vento,
Não me custa dizer
Que sou, mais um desatento,
Que perdi a razão,
Que não soube sentir as vibrações da vida
Nem as marcas do tempo.*

Ensaio sobre o amor

Escutamos por séculos a fio os homens usarem a expressão: “eu amo”. E, com isso, justificarem suas atitudes mais grotescas em nome desse amor. São tantas as formas de amar, que não raro ficamos atordoados na busca da compreensão de tais amores. Há amores sinceros, amores austeros, amores estáticos, amores enlouquecidos, amores lúdicos, amores sacrossantos, amores insanos e amores profanos. Há amor que perdoa e amor que mata, amor que encobre e amor que delata. Há amor definido e amor sem razão. Há amor que varia, junto com a estação. Há quem em nome do amor, faça revolução. Outro que se sujeita à dominação. É o amor de Julieta, ou amor de Swann? O amor de Deus e o amor dos homens, há neles sempre a contradição. Há amor como doutrina e religião.

Explicamos o nosso modo melhor de amar e sempre criticamos a forma dos outros. E isso depende da nossa própria necessidade de aceitar ou não este amor. Se está ou não de acordo com aquilo que esperamos de outras pessoas com quem nos relacionamos. Queremos o amor no seu ápice, todavia, não sabemos o caminho para alcançar esta íngreme montanha. Por conta dessa audição obtusa, não aceitamos que nos amem, se não houver reciprocidade em gênero número e grau.

Já ouvimos dizer que o amor suporta tudo. Que não se ira, nem se gaba; que não aceita provocação. Entretanto, se formos além das definições eclesiásticas, dos tratos de deuses com os homens, encontraremos amores tanto sublimes quanto tirânicos. E todos estes amores foram e são imitados até hoje com a mesma veemência discursiva, cada forma impondo a outrem sua maneira perfeita de amar. Ainda vale lembrar, das fronteiras do amor romântico, onde não há nenhum limite para sua atuação; é sempre quem ama mais quem dar as cartas do jogo, quem conquista, subjuga com a mesma lealdade e simplicidade de quem é dominado. “É, de fato, o amor é

lindo". Um anjo disfarçado de demônio, ou seria o contrário? Não importa, ao homem resta a prática de uma forma de amar, ativa ou passiva, honesta ou interesseira. São milhões de faces que nos revela o amor, o sumo sentimento que nos legou a humanidade de tempos idos, e os deuses dos homens primitivos, os poetas, romancistas, e por que não os filósofos neoplatônicos e os anjos decaídos ou rebeldes?

É o amor, a força motriz que torna o espírito humano perene, procurando sua verdadeira identidade a cada ação ou reação do homem encarnado, materializando-se nas formas mais diversas e avessas possíveis. É o amor, não resta dúvida, não importa a língua ou o contexto, a forma falada ou escrita do texto. Ninguém o pode definir com precisão cirúrgica. Só a alma humana é capaz de sentir e expressar suas facetas. Ao meu ver, o amor já não é mais o mesmo depois deste texto.

Poetas são da mesma sorte que os demais

*Não existe poeta hispânico
Grego ou maometano
Judeu ou asiático
Europeu ou mulçumano
Há, sim, poeta confuso,
Poeta raso e poeta profundo.
O homem é o mesmo em qualquer lugar
Sentimentos são universais.*

Uma estrela caiu

*Para um homem que andou entre as estrelas
Hoje vive a contemplar o alto,
Percebendo que a luz brilha nas trevas,
E que o sol só aquece a quem faz jus,
Não subindo outra vez ao seu delírio,
Nem alçando vôos tão distantes.
Se aqui sobre a terra os dias choram
Amanhã nas estrelas vão sorrir,
Sobre o tempo, que o tempo não deu tempo,
Só o tempo com o tempo vai suprir.
Queira muito desvendar outros mistérios
É preciso engendrar um bem maior,
Mas não perca sua vida em devaneios
É melhor ser amigo que algoz.
Só o homem tem o dom de ser eterno,
Sempiterno com os seus pares e irmãos,
Reconheço que nem sempre fui fraterno,
No inferno quase sempre há discussão.
Todavia só almejo ser constante,
Nesse instante faço verso com a mão,
Vislumbrando o futuro glorioso,
Não me enfado, não recuo a vocação.*

Brasília 12/12/2006

Ao ser que pensa como eu

*Hoje os homens não têm tempo pra viver,
Esqueceram-se que do alto vem som,
Das alturas do silêncio vem a vida,
Para dar sem parcimônia luz e dom.
Aos que andam nas alturas dos desejos
Antevejo a derrota à luz do sol,
Se acordam muito cedo perdem tempo,
Contra o vento querem ir atrás do pó.
No crepúsculo de um dia cor-de-prata,
Suas vidas distraídas andam ao léu,
Na disputa por mais um cordão de ouro,
Um tesouro que derrete no crisol.
Na quentura da existência mórbida,
Fecham a porta pra fugir da luz do sol,
Da verdade da efêmera consciência,
Posta ao lado da suprema confissão,
Que ao pobre não concerne ser dotado
De valores que só há na comunhão.
No encontro da criança com seus pais,
Criatura reverente profissão,
Pois só há sobre os humanos uma força,
Que dirige os caminhos da razão.
Sob a luz da divina providência,
As ciências das estrelas não reluz,
Criatura se tornou maior que Deus,
É chegado o acerto a decisão.
Quem domina sem ser forte morre cedo,
Pois o medo culminou na perdição,
Alienado do intrínseco desejo,*

*Seu cortejo chegará com prontidão.
Morre o homem, morre a vida que labuta,
Prece curta dirigida a ídolo vão,
Criatura não se cansa da consulta,
Paga a multa de usurpar um bom quinhão.
É ao criador que devem a vida,
Percebida nas entranhas do vigor,
Todavia, é inútil meu discurso,
Tá em curso a predita evolução
Só restará na incógnita consciência,
Um enigma ao que pensa a solução.
O destino findo, breve, chegou tarde
Aos covardes que se esqueceram da razão.*

Fugir do anonimato

*Eh! Poeta, como fugirás do anonimato?
Como suportarás o crepúsculo da tua vaidade?
Acima do mais alto céu,
Morou um dia teu desejo de ser eterno,
Agora, o que te resta como vislumbre de dias futuros?
Apenas o teu mórbido vacilar em duas opiniões.
Se queres ou não a loucura dos tolos em tua volta,
Ou as sombras dos versos esquecidos.*

Sou fogo

*Quero incinerar-me em fogo eterno,
Para expurgar para sempre os pecados
Que cometi em carne inerme,
A fim de contradizer a máxima divina
Que o pó ao pó voltará.
Eu, enterrado não serei,
Pelo fato de ter vivido sobre o comando da mente,
E não do instinto selvagem... Quero preservar
Minha nobre linhagem, voltar ao fogo que me deu a luz
E uma alma tão audaz... Sou fogo, não tenho dúvida.
Destruo tudo que se aproxima do meu canto,
Encanto aos homens mais distantes do mundo real,
Distraio os incautos, que atraio para consumir sem dó,
Como crianças inocentes, que não pressentem o medo.
Apenas as minhas cinzas sairão sobre o dorso do vento
A procurar em algum lugar o meu último pensamento.
As imagens que produzi em breve tempo,
Para celebrar um culto ao sumo ego dos meus eventos.*

Brasília 31/01/2007

Natimorto

*Um eterno martírio é o sobreviver,
Para um ser que não sabe a virtude esconder.
Fala sempre a verdade aos ouvidos do mundo,
Vive só no profundo, sem espaço no chão,
Constrangido n'alma, preso a um coração.
Este ser não sou eu, pois nem ser não sei mais,
Me roubaram o espírito e a sombra da paz.
Meu sentir naufragou, meu querer desistiu,
Sou um feto perdido que a tristeza pariu.*

É tarde

*Agora é tarde
Para ser feliz,
Quando eu te queria
Você não me quis.
Minha febre passou,
Foi embora o calor,
Voltou-me lucidez,
Estou sóbrio outra vez,
O que você me fez
Já não quero bis.*

Brasília 04/01/2007.

Um silvo no escuro

*Um silvo no escuro
Um grito de medo
Esconde um segredo
Que a roda do tempo
Não quer revelar.
Eu sei quem gritou
Conheço este som
Estou certo do dom
Do verbo cantar.
Um grito no escuro
Uma nota vulgar
Pode ser muita coisa
Uma escala sonora
Um dueto no ar.
Á luz da harmonia
Um concerto no mar
Um acorde celeste
Um coro cristão
Um maestro perfeito
Regendo emoção.
À mão do poeta
Uma voz a cantar
Melodias eternas
De um eterno sonhar.*

Sobre o direito ao direito

O certo não se contesta, quem diz a verdade não merece castigo. Eis aí a maior injustiça do direito à vilania; com esta máxima não sobreviveria a teologia. Aquilo que é aceito por um sistema criado sob a mão poderosa de Deus para defender os mais fortes e para tiranizar os mais fracos.

O julgamento é sempre justo. Todavia, difere: duas medidas numa mesma balança. O peso é rígido não varia, não importa se ouro ou prata. Aos olhos dos homens é Deus quem dá o veredicto final, e nesse quesito vale mais quem paga além do sob a estipulado; se o pobre não tem recurso seu futuro está fadado, se morrer não verá a luz qual seu destino foi traçado.

Há ainda as indulgências dos “leões”, se disfarçadas ou não, só não vê quem cego for; para entrar nos céus dos homens o dinheiro tem valor. Há, na terra, um soberano que determina o reinado dos santos e o sexo dos anjos, excomunga quem não crê e canoniza seus beatos. Com uma ou duas mentiras santifica um derrotado. Pois se santo o homem for, Deus por certo foi logrado. Assim se encontra este mundo acima de um céu forjado; os homens viraram deuses, os deuses, pobre-coitados”.

Vivo no verão

*Há quem creia na vida como um eterno outono,
Outros, porém, acreditam que a primavera
só chega ao quintal do vizinho.
Meu modo de ver a vida difere bastante dos olhos comuns.
No inverno das causas quentes, eu observo um verão incandescente.
O frio não chega ao meu viver, vivo, porém, absorto dos sentidos
naturais.*

Alma plástica tem o poeta

É nas horas mais difíceis, naqueles momentos em que pensamos que tudo está perdido, que surge do nada, ou de um lugar desconhecido, de um nicho que até então não percebemos, como que um farol na escuridão, para um barco em rota de perigo, sobre uma via de grandes icebergs, uma idéia. É assim que vem a inspiração, ou mesmo um insight para um projeto novo.

Escrever para alguns, pode parecer apenas um passatempo, um robô, algo que se faz para que a vida não seja assim tão miserável. Todavia, outro diz, escrevo para espantar a solidão. Há até mesmo poeta de fim de tarde, burocrata que disfarça a apatia de outro ofício. Há também os delinquentes que dizem que fazem poemas por vício. Imaginem que falta de originalidade. Poeta não se fabrica por decreto, ou se destitui ex officio.

Para um poeta, que escreve pelo dom da herança, como alquimista, ou como nobre de dinastia épica, que não evoca sentimento alheio para produzir seu pão diário, ficar sem escrever é algo que lhe causa as piores angústias; e se isso lhe sobrevém, não é apenas falta de inspiração. Algo de muito tenebroso está para lhe acontecer. Entre os que convenceram, que mapearam seu universo entre tantos universos, nas galáxias da poesia, não pararam de produzir nem mesmo na hora do desenlace, quando sabiam que tinham que partir para outros mares, mesmo assim ditaram para seus confessores suas últimas prosas, alguns com ironia para com a vida, outros para condenar a morte.

Escrevo porque minha vida é apenas uma contradição da natureza, não vim ao mundo para ser feliz ou para fazer feliz alguém, poeta não tem pátria, nem amores. Filhos só os que ele próprio e sozinho traz à luz. Onde estão nossos poetas vivos? Sabemos mais sobre os poetas depois que morrem, que deixam o mundo sensível.

Não será assim comigo mesmo? Os pequenos poetas são vistos ainda vivos, e por que isso se dá? Pela sua enorme mediocridade, há até entre eles os magos, os senhores dos mistérios da tolice. Espero que pelo menos se passem dois séculos para que algum espírito descubra-me e que não faça alarde, espere mais um pouco. Não quero ouvir os fogos da popularidade, é preciso que meu corpo já tenha se desintegrado; levando em conta que o plástico leva 400 anos para se decompor, este seria o tempo ideal para que se apresentasse ao mundo a alma plástica de um poeta veraz.

Portanto amigos, leitores e parentes, não tentem me canonizar, poeta não é santo, antes ser palhaço, mas, não quero nem uma coisa nem outra, melhor mesmo é fazer chorar a fazer rir.

Brasília 12/01/2007

O tempo

*Cansei de ficar
Esperando o tempo passar
Ser certinha e me aquietar,
Calei por muito tempo,
Vendo o tempo me levar
Coerente, fui levando-o,
Achando que ele podia parar...
Envolvendo-me e enganando-me
la a metamorfose
A me transformar.
Hoje quente,
Amanhã frio quietinho ia
Como a me devorar...
Olhando-me no espelho
la uma ruga encontrar...
Revoltada contra ele
Uma atitude fui buscar...
Abraçei a minha vida e precisei
Da cumplicidade para caminhar.
Fiz um pacto com a loucura
E consegui escandalizar...
Beijej minha juventude,
Soltei a sua mão,
Parei de lamentar.
Pela primeira vez no espelho
Olhei a me admirar...
Vi ruga sim...
Mas, com clareza,
Vi o espelho*

*A me elogiar...
O inesperado aconteceu!
Estava toda colorida,
Como a vida...
Laranja, verde
Florescente a ofuscar...
O tempo parou assustado,
Querendo-me entristecer,
Ele viu, que eu me pus
A cantarolar e a dançar.*

*Brasília 21/12/2006.
Iranete do Carmo*

Alma em pânico

I

*Estou com meu ser pesado
Me parece carregar um fardo.
Da minha vida que carece
De amor, de abraço, de agrado.
Estou só e triste neste tablado,
Dói na alma e desabafo.
Meu ego está vazio.
Minha alma em pânico.
Socorro, meu Deus, eu peço,
Isto é obra do satânico.*

II

*Baixa o pano é outro dia:
Dia de paz.
Muda o cenário, se alegre.
Temor já não tenho mais.
Vive um dia de palhaço.
Pinta a cara, colore a roupa.
Os cabelos, palha de aço.
Grita, canta, pirilampa.
Ate a garganta ficar rouca.
Dança, rodopia, corre.
Neste corpo o amor acampa.*

Iranete do Carmo

Busco minha alma

Este mundo simples, onde as pessoas se compreendem como parte de um sistema comum, igual a todos, não me suporta.

Em todo espaço que busco novidades, em breve tempo não me comportam mais, suas paredes se desmoronam.

Em disparada saio em busca de outro nicho, de uma cavidade estranha, quem sabe de um abismo, todavia é sempre no abismo que me encontro, por mais que distraído pareça aos meus pares.

Absurdamente vivo atrás de um elo perdido entre mim mesmo, entre o homem que sou e o homem que fui um dia.

Pode alguém perder a sua alma em algum labirinto e não mais encontrar?

Brasília 14/02/2007

A safra do amor

*É tempo de colheita
De preparar o pão
Buscar nas desavenças
A paz para o coração.
O que outrora feito
Será a produção
A vida na seara
Repleta de ação.
Nas lágrimas que verteu
No riso que plantou
Está a tua sorte
A morte se afastou.
Verás um dia novo
Renovo rebentou
Acordarás com calma
Na alma tens a flor.
A flor que brota fácil
Que rege sem clamou
A vida será bela
Na tela do amor
Quem pode dar
Não negue
Quem soube te ensinou
Então refaz a horta
E distribuí amor.
A safra será grande
Para fome suplantar
Porque tu plantas game
A vida em teu pomar.*

Brasília 16/02/2007

Fazer bem

*Dizer o óbvio, não me atreverei.
Sendo poeta bem sei das dores do não fazer,
Poemas, versos sem rima,
Na prima que alcancei,
Pena que nem todos sabem
Das dores do não fazer bem,
Escrever para quem não ler,
Cantar para quem não escuta,
Esta é a sina curta,
A luta do fazer bem.
Escrevi esta para você poeta,
Que como eu sofre do mesmo mal,
Um mal que extasia
Que alivia como um orgasmo em hora certa.*

Brasília 26/02/2007

Tempo voraz que arremessa nossos corpos nas paredes da existência.

Enigmas inventados pelos sonhos que não se vivem.

Angústias que cobrem-nos com um manto negro.

Abismos internos nos prendem com garras de feras indomáveis.

É nos subterrâneos do espírito que a vida aos poucos naufraga.

O autoditada

*Não tive pai, mãe não conheci,
Nasci do acaso do bem existi.
Sou só neste mundo de reles mortais,
Foi bem educado na escola da paz.*

*Não tive os cuidados de um bom professor,
Mas sei distinguir um tolo de um doutor.
O sábio dos sábios foi meu instrutor,
Foi às duras penas que meu verso brotou.*

*Peguei minha estrada sem mala ou passagem,
Foi dando pontadas que a luz encontrei,
Virando as páginas do meu descobrir,
No cânon da vida meu nome escrevi.*

Quero o futuro!

*Minha alma não se guarda do futuro enganador
Passo a diante, para ver o que passou,
Sigo avante, e doravante não me assusta seu furor;
Quero saber o que vem, quero esquecer quem ficou.
O presente me enfada, ser ausente me fartou;
Hoje quero a luz da trilha que meu pé nunca pisou.
Já vivi muitos momentos, já brinquei de vencedor;
Noutro tempo tive a calma da inocência a meu favor
Só dormia em cama larga; não largava meu fervor,
Tinha fé na vida breve, via a neve no calor.
Acordava sempre cedo, e sem medo ia ao mar,
Em busca de peixes mortos, que um outro estava a pescar.
Sonhava dias melhores, queria a paz alcançar.
Para quem vive sonhando, o mundo pode passar,
Ser pego de calça curta, na disputar se queimar.
Olhe por de trás das nuvens que tem um sol a brilhar
Só que não chegar tão perto de quem vive a duvidar.*

Brasília 20/02/2007

Meu caminho é igual

*Ao homem foi legado um instinto animal
Para que ao seu tempo transmutasse em racional
É veraz a máxima que diz, que o descreve como tal.
Sou de carne firme e fresca e avesso ao um ideal,
Ser viril, eterno sempre, como o mar perene o sal,
Sei subir para as montanhas, sei descer ao pântano mal.
Vaidade desconheço e a soberba abissal,
Compraz-me o vil destino que é comum a um mortal.
Não me iludo, estou a par do futuro que herdei,
Sendo igual a todo homem o meu nome já plantei.*

Brasília 26/01/2007.

**O pecado é a soma dos nossos erros, dos nossos fracassos!*

**O belo é algo que não alcançamos que muito desejamos ser, ou ter, é aquilo que não possuímos ainda.*

**Só achamos belo aquilo que queremos, com paixão!*

**O sucesso é o ápice da vaidade satisfeita...*

**A paixão é o desejo ardente de algo que não dominamos que não temos o poder para escravizar, é a carência da extrema pobreza do espírito...*

**O futuro é o presente morto! O passado é o presente enterrado!*

**O que é lícito? - É o direito de escolha!*

**Somos o que fazem de nós! E não o que pensamos ser!*

**Buscamos nos amigos aquilo que nos falta, e distribuímos o que nos sobra aos nossos inimigos de maneira bem generosa.*

**Sobre o pilar de toda amizade, descansa o interesse recíproco...*

**Constrói tu mesmo a tua estrada, então poderás escolher com quem deves andar...*

**Não culpa teu vizinho pelo teu fracasso, ele já tem o dele para suportar...*

Para quintana

*Um poeta da altura de Drummond
Que pudesse nas estrelas alcançar,
Não concebo a vaidade do saber
Quando não anda junto do ensinar.*

*Ser pessoa para mim o mais dileto
Me completo com a falta do pensar,
Todavia, não devia me esquecer,
Da virtude de quintana a delirar,
Sua nobre estirpe não pecou,
Foram os homens que perderam
A hombridade do julgar.*

*Ser comum aos mortais, é algo certo,
E por certo, não iriam me aceitar,
Assumiram uma postura desigual
Fora vil sua maneira parcial,
Colocaram nas cadeiras imortais
Alguns mortos que em vida
Não chegaram a respirar.*

*Eu aqui nos meus enleios emblemáticos,
Sou enfático quando digo sem pensar,
Peço calma aos arautos da justiça
Sem preguiça não permitam o vaguear,
Olhe os homens pela obra, não oprimam*

*Os que primam pela luta do somar,
Não confundam popular com qualidade
Pois o cristo não seria exemplar.*

*Há, de fato, uns estranhos nas estrelas,
Pois, sem vê-las, não podiam caminhar,
É verdade o que diz um sábio antigo,
Meu amigo, nas sombras, quando
O sol não aparece, qualquer farol
Parece iluminar o mar.*

*Evan do Carmo
2/05/2007*



Capa: Heverson Henrique
Foto: Evan do Carmo
Diagramação: André Filho
Correção: Iranete do Carmo
Gráfica Editora: Fakos
(61) 3344-9719
www.fakos.com.br

